

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Arqueologia
Bacharelado em Antropologia



Trabalho de Conclusão de Curso

Um novo estilo de fazer a feira em Pelotas:

Transformações no consumo de alimentos agroecológicos e orgânicos no contexto da
pandemia de COVID-19

Flor Wienke Tavares

Pelotas, 2021

Flor Wienke Tavares

Um novo estilo de fazer a feira em Pelotas: transformações no consumo de alimentos agroecológicos e orgânicos no contexto da pandemia de COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Antropologia.

Orientadora: Renata Menasche

Pelotas, 2021

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

T231n Tavares, Flor Wienke

Um novo estilo de fazer a feira em Pelotas :
transformações no consumo de alimentos agroecológicos e
orgânicos no contexto da pandemia de covid-19 / Flor
Wienke Tavares ; Renata Menasche, orientadora. —
Pelotas, 2021.

79 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Antropologia) — Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas, 2021.

1. Alimentação. 2. Consumo. 3. Feira. 4. Agroecologia.
5. Risco. I. Menasche, Renata, orient. II. Título.

CDD : 301.24

Flor Wienke Tavares

Um novo estilo de fazer a feira em Pelotas: transformações no consumo de alimentos agroecológicos e orgânicos no contexto da pandemia de COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 22 de novembro de 2021.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Renata Menasche (Orientadora)
Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof^a. Dr^a. Adriane Luísa Rodolpho
Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales*

Dr^a. Luceni Medeiros Hellebrandt
Doutora em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina

Ms^a. Renata Tomaz do Amaral Ribeiro
Mestra em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Agradecimentos

Àqueles que possibilitaram a realização deste trabalho, que não foram poucos, deixo nas palavras desta sessão uma pequena retribuição. O apoio e carinho que recebi neste ano e meio de pandemia e de pesquisa foram motores da realização deste trabalho, e a recepção calorosa que tive em relação ao tema e à motivação de pesquisa me fizeram ter certeza que esta se justifica na busca por transformações ambientais e sociais necessárias - em Pelotas, no Brasil e no mundo.

Aos meus pais, Sandra e Maurício, que nutriram o solo que permitiu com que eu viesse e fosse quem sou. Vocês são a base de toda a minha vida. Agradeço pelo apoio e amor que vocês sempre expressaram, de várias formas, permitindo com que eu trilhe o meu caminho almejando sempre, onde estiver, deixar alguma mudança para melhor. Honestidade, compaixão e excelência são valores que eu herdo de vocês.

Ao Vítor e à Aline, os melhores irmãos do mundo, por sempre me enxergarem, me apoiarem e me amarem por tudo que eu sou. Nas boas e nas más, sempre tem vocês, e abrindo o coração – e uma cerveja – a gente se entende, seja pra falar de planos, sentimentos ou pra lembrar, pela milésima vez, as histórias de infância das quais a gente não cansa de rir. Tenho muito orgulho de tê-los como irmãos, e a certeza de que, em qualquer lugar do mundo, a torcida mútua vai ser tão forte quanto sempre foi (por exemplo, nas arquibancadas do Simon). À Alê, minha cunhada, deixo meu agradecimento por sempre estar de coração aberto e ouvidos atentos, e ser a pessoa que traz autenticidade e sensibilidade aos nossos encontros de família.

À Luana, meu amor, ainda que eu já tenha dito “obrigada” centenas de vezes nos últimos meses, este e outros agradecimentos não se equiparam ao tamanho do apoio que me deste. Foste tu quem segurou minha mão e me deu forças para, passo a passo, concluir cada etapa desse caminho, acreditando em mim com uma sinceridade absoluta. O companheirismo é construído na reciprocidade, na conversa e na empatia, e sobre ele tu me ensina todos os dias.

Ao Guilherme e ao Pedro, amigos e também profissionais, junto a mim, em segurar as barras um do outro e passar juntos por tudo o que vier, meu agradecimento por serem irmãos do coração. Obrigada pela genuinidade, pelos gestos de carinho, pelas conversas e videochamadas que sempre me auxiliaram a processar a vida e me sentir mais energizada e pronta para o que vier. Vocês são duas estrelas: do pop e do cinema, respectivamente.

Aos meus interlocutores, um muito obrigada por compartilharem o tempo, a cotidiano e as motivações de vocês comigo. Através de vocês, senti na prática os fundamentos da agroecologia: tudo é feito com amor e muito trabalho, desde o cultivo dos alimentos e a realização das feiras até as conversas, divulgações e o consumo dos produtos. Pude adentrar espaços em que, muitas vezes, se nada contra a corrente; ainda assim, a esperança por um mundo melhor move o trabalho diário de toda uma rede de pessoas na nossa região. Um agradecimento especial aos dois queridíssimos Fred M. e Fred W., que abrirem portas e foram tão gentis comigo, ilustrando em suas falas e ações os preceitos de empatia e sensibilidade pelos quais são guiados, em consonância com o sonho de um mundo justo e sustentável que seguem.

À minha professora orientadora, Renata Menasche, certamente uma das pessoas mais dedicadas e apaixonadas pela profissão que já conheci. Muito obrigada por acreditar sempre em minha capacidade de ir até o fim nesta pesquisa - que trata de um tema tão importante e que sei que também valoriza imensamente - e pela abertura e criatividade para acolher novas propostas, tanto desta pesquisa quanto dos projetos do GEPAC. Sempre me incentivaste a fazer deste trabalho sua melhor versão possível e nisto, acredito, também tivemos sucesso.

Às/aos colegas do GEPAC, que acompanharam este trabalho desde o início, agradeço por me ensinarem tanto, seja no sentido acadêmico ou pessoal. Deixo um agradecimento especial à Tamires, que me auxiliou em tudo que pôde, entre desabafos, ajudas e ótimas figurinhas no WhatsApp, fazendo com que a nossa amizade, ainda que distanciadas em meio à pandemia, crescesse de um jeito especial; ao Guilherme, que me recheou de ideias e dicas a cada conversa que tivemos, me dando a criatividade e a energia para seguir adiante em tantos dias; à Luceni e à Renata Ribeiro, parceiras de tema e de escrita que me acolheram carinhosamente nessa jornada.

Às/aos professoras/es e colegas do Bacharelado em Antropologia da UFPEL, que me ensinaram na prática sobre essa disciplina que habita nas subjetividades da vida humana, lutando pelo direito à diversidade de modos de ser e pensar.

Ao CNPq, entidade essencial no quadro da educação em nosso país, que me apoiou financeiramente, por um ano, através de uma bolsa de iniciação científica pelo PIBIC. Além do agradecimento, deixo registrada a urgência de que o projeto obscurantista que insiste em nos assolar seja superado, dando lugar a um Brasil no qual se priorize a educação, a superação da fome e outros temas emergenciais, em prol do fim das profundas desigualdades de nosso país.

Nosso momento é de soma de todas as crises. É uma encruzilhada cujas raízes históricas se interligam profundamente em contradições que precisamos resolver. O que está em jogo é a articulação de forças para evitar uma grande distopia. É a luta por um século 22 para nossos descendentes e biomas com todas as espécies com que dividimos nossa casa.

(Sabrina Fernandes)

Resumo

TAVARES, Flor Wienke. **Um novo estilo de fazer a feira em Pelotas**: transformações no consumo de alimentos agroecológicos e orgânicos no contexto da pandemia de COVID-19. 2021. 79f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Antropologia) – Departamento de Antropologia e Arqueologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

No momento histórico em que vivemos os efeitos da pandemia de COVID-19, passamos a conviver com novos protocolos e regras, assim como com a necessidade de variados tipos de adaptações, sendo uma das mais árduas as medidas de distanciamento social. Sob tal contexto, as questões que nortearam a presente pesquisa voltaram-se ao cenário do consumo de alimentos agroecológicos e orgânicos, produtos comumente ligados a categorias como *natural* e *saudável*, buscando entender como esta “quarentena” de tempo indeterminado incidiu nas escolhas alimentares das pessoas. Através do método etnográfico, a pesquisa dialoga com consumidores de feiras livres e iniciativas de comercialização *online* de alimentos agroecológicos/orgânicos em Pelotas. Tendo por base trabalhos de autores e autoras do campo das ciências sociais, procedeu-se à realização de observação participante em feiras; análise de material de divulgação das iniciativas de comercialização na internet; realização de formulário *online* relativo ao consumo alimentar na pandemia; bem como conversas com consumidores de produtos agroecológicos/orgânicos e integrantes do Grupo de Agroecologia (GAE) da UFPEL. O trabalho de campo mostrou que a reconfiguração do cenário de circulação de alimentos agroecológicos e orgânicos ganhou força através da internet e da entrega a domicílio. Também pode-se notar ênfase na valorização de alimentos de origem local, livres de agroquímicos e/ou fornecidos diretamente por produtores, associados à busca por saudabilidade e ao crescimento do mercado de alimentos orgânicos e da agroecologia.

Palavras-chave: Alimentação. Consumo. Feira. Agroecologia. Risco. Pandemia de COVID-19.

Abstract

TAVARES, Flor Wienke. **A new concept of going to farmers' markets in Pelotas: transformations in food consumption in the context of the COVID-19 pandemic.** 2021. 79p. Undergraduate Thesis (Bachelor's Degree in Anthropology) – Department of Anthropology and Archaeology, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2021.

In the historical moment in which we experience the effects of the COVID-19 pandemic, we began to live within new protocols and rules, as well as with the need for various types of adaptation, one of the most arduous being the measures of social distancing. Under this context, the questions that guided the present research focus on the consumption of agroecological and organic foods, products commonly linked to categories such as natural and healthy, seeking to understand how this indefinite "quarantine" affected people's food choices. Through the ethnographic method, the research dialogues with consumers of open fairs and online marketing initiatives of agroecological/organic foods in Pelotas. Based on works by authors from the field of Social Sciences, we carried out participant observation in farmers' markets; analysis of promotional material of marketing initiatives on the internet; completion of an online form related to food consumption in the pandemic; as well as conversations with consumers of agroecological/organic products and members of UFPEL's Grupo de Agroecologia (GAE). The fieldwork showed that the reconfiguration of the scenario of circulation of agroecological and organic food gained strength through the internet and home delivery. One can also observe an emphasis on valuing foods of local origin, free of agrochemicals and/or supplied directly by producers, associated with the guarantee of healthiness and the growth of the organic food and agroecology market.

Keywords: Food. Consumption. Farmers' market. Agroecology. Risk. COVID-19 pandemic.

Lista de figuras

Figura 1	Gráfico do crescimento da produção orgânica no Brasil entre 2010 e 2019	26
Figura 2	Postagem na conta de Instagram da Tenda Orgânica explicando o que é o produto orgânico	45
Figura 3	Oferta de kits e produtos da agroindústria familiar Vida na Terra	47
Figura 4	Oferta de cestas e produtos do Grupo Ecológico Serra dos Tapes pelo aplicativo Whatsapp	47
Figura 5	Organização para entrega de cestas encomendadas online do Grupo Ecológico Serra dos Tapes	48
Figura 6	Convite para a inauguração da Feira Grupo Ecológico Terra Limpa .	50
Figura 7	Convite para a inauguração da Feira Kilombola Akotirene	51
Figura 8	Feira Grupo Ecológico Terra Limpa no dia de sua inauguração	52
Figura 9	Feira Kilombola Akotirene no dia de sua inauguração	52
Figura 10	Feira Ecológica Viva Bem Quartier	54
Figura 11	Fred W. e Fred M. realizando panfletagem de divulgação da Feira Ecológica Viva Bem Quartier	55
Figura 12	Postagem sobre a feira da Rede Bem da Terra no Parque Una	57
Figura 13	Colagem comparativa de duas postagens da Feira Agroecológica São Domingos, antes e durante a pandemia	58

Lista de tabelas

Tabela 1	Mapeamento de feiras e iniciativas agroecológicas/orgânicas de Pelotas em 2021	41
Tabela 2	Respostas a formulário sobre o consumo de alimentos agroecológicos/orgânicos em Pelotas durante a pandemia	58

Lista de abreviaturas e siglas

ANATER	Agência Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural
ARPA-SUL	Associação Regional de Produtores Agroecológicos da Região Sul
CAPA	Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FAEM/UFPEL	Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel/UFPEL
FEVAF	Feira Virtual da Agricultura Familiar
GAE/UFPEL	Grupo de Agroecologia/UFPEL
GEPAC	Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura
ICH/UFPEL	Instituto de Ciências Humanas/UFPEL
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LEAA/UFPEL	Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais/UFPEL
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PL	Projeto de Lei
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PT	Partido dos Trabalhadores
Rede PENSSAN	Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar
UFPEL	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sumário

1 Introdução	13
2 Orgânicos, agroecológicos e a alimentação nas Ciências Sociais	18
2.1 Consumo alternativo no contexto da alimentação contemporânea	19
2.2 Comida e risco na pandemia	22
2.3 Agroecológicos e orgânicos	24
2.4 O cenário agroecológico pelotense	28
3 Pesquisando orgânicos e agroecológicos na pandemia: observando o familiar em transformação	32
3.1 Questões metodológicas	33
3.2 Primeiras adaptações à pandemia	37
3.3 Observando a rede agroecológica/orgânica, <i>online</i> e <i>offline</i>	40
4 Um “novo normal” e um “novo conceito de fazer a feira”: o que pensam os consumidores?	59
4.1 Conversas junto a consumidoras de alimentos agroecológicos/orgânicos em Pelotas	63
4.1.1 <i>Mudanças bárbaras</i> de alimentação na pandemia.....	64
4.1.2 Confiança de longa data nos produtos agroecológicos	65
4.1.3 Feira em distanciamento: do encontro com amigas à fuga das aglomerações	67
4.1.4 Iniciativa agroecológica <i>online</i> da família	69
5 Considerações finais	71
Referências	74

1 Introdução

À medida em que a pandemia de COVID-19 entrou em cena, alterando, ao redor do globo, protocolos, estatísticas e regras, abalando sociedades inteiras, com a necessidade de readaptação dos mais variados tipos e de uma dolorosa necessidade de distanciamento social, também no imaginário das pessoas muita coisa passou a se encaixar em novos moldes. Em outras palavras, a partir de março de 2020 (pensando no *timing* do vírus em território brasileiro), ao mesmo tempo em que nosso dia-a-dia tem sofrido mudanças intensas, categorias socialmente construídas vão tomando novos espaços, sendo evidenciadas e materializadas de novas formas, principalmente no que diz respeito a medos, ansiedades e incertezas (SEGATA, 2020). É o caso da noção de risco e das decisões dela decorrentes.

No primeiro momento da pandemia, a ciência ainda não tinha recursos para entender ou prever como seria o desenrolar dessa trama. Entre as pessoas, o principal pensamento era o receio generalizado em relação ao futuro do vírus, e, portanto, da vida humana. Assim, cientistas de diversas áreas voltaram imediatamente seus olhares para essa situação e nas Ciências Sociais não foi diferente, afinal as mudanças sociais causadas pela pandemia vieram de forma rápida e evidente, agravando problemas sérios que já afligiam o Brasil há muito tempo, tais como a fome, o desemprego e a desigualdade socioeconômica.

Diante desse cenário e devido à impossibilidade de realizar de forma presencial a pesquisa no tema inicialmente previsto para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – juventude rural –, eu, que já vinha sendo orientada pela professora Renata Menasche, repensei o tema a estudar. Nesse momento, sabendo de minha afinidade e interesse pela agroecologia como movimento social e político, a professora Renata me chamou, propondo que eu começasse a pesquisar em torno das feiras livres de Pelotas, observando as adaptações que estavam sendo feitas em relação à pandemia. Nem se imaginava, naquele tempo, que ainda estaríamos vivendo a pandemia por mais vários meses. De qualquer jeito, o tema me pareceu muito interessante, e assim comecei a mergulhar no universo das feiras, de onde o campo me leva, depois, ao consumo de alimentos agroecológicos e orgânicos, tanto *online* quanto *offline*.

Com o passar das primeiras semanas de pandemia, visto que as medidas de distanciamento social não caíam tão cedo, a situação das universidades federais foi

sendo pensada e debatida. Na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), foram realizadas reuniões e lives entre reitoria e comunidade acadêmica e se chegou ao acordo de retomarmos pouco a pouco as atividades - exclusivamente de forma *online* - partindo de um calendário alternativo e curto, no qual se pôde realizar atividades extracurriculares como projetos, palestras e algumas disciplinas da grade curricular.

A partir de junho daquele ano, com o início desse calendário alternativo, a professora Renata Menasche organizou o Grupo de Estudos “Comida Para Pensar”, vinculado ao projeto de ensino de mesmo nome. O grupo é uma iniciativa no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas em Alimentação, Consumo e Cultura – GEPAC e integrado ao Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais – LEAA. O “Comida para Pensar” reúne pesquisadoras da graduação e pós-graduação da UFPEL e da UFRGS em torno dos universos da antropologia rural, do consumo e da alimentação, discutindo as pesquisas de suas integrantes, de modo a criar um ambiente de compartilhamento e colaboração. O grupo de estudos teve início em junho de 2020 e continuou durante todos os semestres acadêmicos da UFPEL até então, realizando encontros quinzenais. O mesmo foi fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa até sua conclusão, em novembro de 2021.

Também em 2020, fui contemplada com uma bolsa de Iniciação Científica financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A bolsa foi destinada para o projeto de pesquisa “Fluxos entre campo e cidade: tendências da alimentação contemporânea”, assim pude contar com o importante apoio desta instituição governamental durante grande parte da realização desta pesquisa, entre setembro de 2020 e agosto de 2021.

Deste estudo resultam também, além desta monografia, dois resumos em congressos: o primeiro apresentado ao XXIX Congresso de Iniciação Científica da UFPEL e disponível nos anais 2020 do mesmo (<https://wp.ufpel.edu.br/cic/anais/anais-2020/>), na aba “Ciências Humanas”; o segundo apresentado ao XXX Congresso de Iniciação Científica da UFPEL, evento que ocorreu entre 18 e 22 de outubro de 2021.

Em relação a meu processo de construção e escrita da pesquisa, trago três reflexões iniciais em torno dos desafios práticos e das decisões que tomei ao longo deste fazer, as quais contribuem fortemente para o resultado final.

A primeira é relacionada à visão holística que construí em relação a produzir ciência dentro da antropologia, que, ao contrário de outros campos do conhecimento,

considera que toda a produção científica é construída também através da subjetividade e forjada a partir de um ponto de vista específico. Isso nos permite questionar as produções acadêmicas que presumem uma neutralidade e também dá espaço para observarmos mais atentamente outras visões da realidade. Portanto, pensando a/o antropóloga/o como uma pessoa que pesquisa estando atenta não só ao objeto e ao contexto de pesquisa, mas também ao que sente e experiencia durante o campo, relacionando-o também a suas próprias experiências, não me restam dúvidas de que a experiência pessoal e social que acumulo em meus anos de vida estão impregnadas em minha escrita.

Por isso, baseio este aspecto da metodologia no que Velho (1987) escreve sobre estranhar o familiar, realizando então o esforço imprescindível da alteridade. Ainda, inspirada pela antropóloga Débora Diniz (2012), uma decisão que aqui tomo é a de fazer uso do chamado *genérico feminino* ou *feminino universal*. Este é um dos meios com que tento, por todo meu trabalho, manter-me fiel tanto a mim enquanto pessoa/pesquisadora feminista, quanto ao campo, que, por acaso, veio a ser composto majoritariamente por interlocutoras. A escolha pode incomodar, mas de modo algum significa que homens não tiveram contribuição ou não estão convidados a apreciar este trabalho; como explica Diniz, justamente por, na maioria dos espaços, o lugar dos homens - para estarem, falarem e serem ouvidos - estar já tão bem assegurado é que se torna interessante transgredir esse padrão.

A segunda questão é também de ordem metodológica. Desde que decidi etnografar na pandemia - e também tê-la como tema, de certa forma - foi necessário pensar de que maneira o ambiente *online* conformaria os métodos a serem empregados na minha pesquisa. Em um artigo publicado na revista Horizontes Antropológicos, Miller e Slater (2004, p. 48) escreveram que há um “relacionamento complexo e nuançado entre os mundos *on-line* e *off-line* que produz as estruturas normativas desses dois mundos”. Os autores britânicos argumentam que não há uma fórmula para entender como trabalhar a etnografia entre *online* e *offline*, mas que não se deve tomar a internet como algo virtual, dissociado da realidade ou da vida material. Minha adaptação e entendimento disso se deram aos poucos, como explicarei adiante.

A terceira e última questão é que este trabalho reflete a sequência de desenvolvimento da minha pesquisa desde que a iniciei, no começo da pandemia.

Como mencionei antes, não se tinha ideia de quanto tempo esse período duraria, mas a expectativa inicial era sempre de menos tempo do que veio a ser, e de que nós poderíamos sair à rua e ter contatos presenciais mais cedo. Assim, minha aproximação à bibliografia foi anterior à minha entrada em campo. Daí a parte inicial da pesquisa, e igualmente desta monografia, consistir sobretudo em uma revisão teórica e em observações (não-participantes) acerca da pandemia, como o mapeamento de páginas nas redes sociais. Após um enquadramento melhor de meu campo de pesquisa é que passei a me aproximar das pessoas envolvidas no universo agroecológico/orgânico, minhas interlocutoras.

Tendo isso em vista, busquei caminhos adequados para adentrar o campo, estabelecer conexões através da internet, conhecer os interlocutores e observar elementos visuais presentes em imagens e textos nas redes sociais. Procurei ter o devido aprofundamento no campo e no contato com as agentes sociais envolvidas nas práticas estudadas, ao mesmo tempo em que aprendia como funciona a relação entre *online* e *offline* em uma perspectiva etnográfica.

As questões que norteiam minha pesquisa são as seguintes: o que ocorre com o cenário do consumo de alimentos agroecológicos/orgânicos, produtos comumente ligados a categorias como *natural* e *saudável*, durante a pandemia de COVID-19? E o que muda nas escolhas alimentares das pessoas atravessando uma “quarentena” de tempo indeterminado? Assim, se espera contribuir para o entendimento das relações entre saudabilidade, risco e consumo alimentar, além de evidenciar a volatilidade dessas categorias.

Em relação aos temas aos quais dei maior atenção ao longo da pesquisa, separo a monografia em três capítulos - além desta introdução -, os quais resumirei brevemente a seguir.

No segundo capítulo, “Orgânicos, agroecológicos e a alimentação nas Ciências Sociais”, será feita uma contextualização sobre os alimentos orgânicos, a agroecologia e os estudos sobre alimentação nas Ciências Sociais (comida como fato social). Além disso, escrevo sobre as percepções de risco e como influenciam nossas decisões alimentares, relacionando algumas teorias das últimas décadas aos acontecimentos recentes no Brasil pandêmico. Alicerço meus argumentos nas teorias dos autores Claude Fischler, Ulrich Beck, Mary Douglas e Aaron Wildavsky, Renata Menasche e Jean Segata, entre outros. Dado que as percepções do que é seguro ou arriscado são

influenciadas por diferentes discursos e experiências coletivas, reflito sobre as escolhas alimentares durante a pandemia de COVID-19 não apenas como decorrentes das alterações de rotina e hábitos às quais grande parte da população mundial tem sido submetida, mas principalmente como possibilidades de observação de uma série de valores que agem nessa reconfiguração.

No capítulo três, “Alimentos agroecológicos/orgânicos em Pelotas e a chegada da COVID-19: observando o familiar (passar por transformações)”, busco identificar como a pandemia modificou não apenas nossas rotinas como um todo, mas também o trabalho de campo de antropólogas, bem como o processo da etnografia. Nesse contexto, utilizo da minha narrativa pessoal e da minha história como consumidora de alimentos agroecológicos/orgânicos para justificar a temática aqui escolhida. No decorrer do capítulo, identifico a nova tendência das feiras agroecológicas/orgânicas *online* e como o processo de adaptação se deu em âmbito nacional e na cidade de Pelotas, analisando também as problemáticas sócio-políticas referentes à alimentação frente à crise sanitária. Apresento também um mapeamento de elaboração própria, referente às feiras agroecológicas/orgânicos de Pelotas, evidenciando especialmente aquelas que foram inauguradas durante a pandemia e buscando analisar as relações entre consumidoras, produtoras e alimentos sem veneno.

No quarto e último capítulo, busco pensar sobre a categoria “novo normal”, através da bibliografia e também da contribuição de interlocutoras. Descrevo então a etapa da pesquisa em que elaborei um formulário intitulado “Consumo de produtos agroecológicos em Pelotas e suas transformações no quadro da pandemia de COVID-19”, no qual inseri questões relativas ao consumo de orgânicos e ao uso de agrotóxicos antes e durante a pandemia. Nele, abri um espaço para que as interlocutoras interessadas em colaborar em uma etapa posterior da pesquisa deixassem seus contatos. Por fim, trago os relatos de conversas com algumas dessas e encaminho para a conclusão do trabalho, mostrando como as consumidoras modificaram ou não seu consumo de alimentos agroecológicos/orgânicos em meio ao “novo normal” instaurado pela pandemia.

2 Orgânicos, agroecológicos e a alimentação nas Ciências Sociais

Hoje tratado como um campo de conhecimento sólido e recheado de significado em diversas disciplinas, o tema da alimentação ganhou sua devida valorização entre as Ciências Sociais tardiamente. Nas últimas décadas, especialmente desde a de 1980, houve uma ressignificação do mesmo, partindo da categoria de assunto mundano e cientificamente desinteressante e chegando até a magnitude e relevância das pesquisas que hoje se apresentam nesta área do conhecimento, relacionando a comida a inúmeros outros aspectos socioculturais (BARBOSA, 2009; AZEVEDO, 2017).

Sobre a demora para o estabelecimento do campo da alimentação como tema de interesse nas Ciências Sociais, Elaine de Azevedo explica que:

Tal condição pode ser explicada por seu vínculo a uma atividade doméstica, mundana e sem glamour, de domínio tradicional das mulheres, cuja produção remete ao meio rural, distanciado do apelo intelectual de teóricos masculinos atuando no meio urbano que dominaram historicamente as Ciências Sociais, especialmente no seu início. (AZEVEDO, 2017, p. 278)

Ainda de acordo com a autora, que realiza uma revisão bibliográfica sobre o assunto, algumas autoras afirmam que houve uma ascensão no tema já na década de 1960. Outras pontuam que o mesmo só ganhou relevância real nas Ciências Sociais entre as décadas de 1980 e 1990, junto ao “fortalecimento de instituições [...] que se ocupam de estudos interdisciplinares sobre alimentação, agricultura e sociedade e fomentam revistas e encontros científicos regulares envolvendo [...] pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais”, ao “aparecimento de um mercado mundial de alimentos” (AZEVEDO, 2017, p. 278) e ao *boom* do tema em mídias como revistas, televisão, cinema e, alguns anos depois, também na internet.

Lívia Barbosa concorda que esse crescimento se dá simultaneamente à ascensão do tema nas mais diversas esferas da sociedade; costurando seus estudos junto à teoria de Marcel Mauss, afirma que “comer se tornou um fato social total que mobiliza todas as esferas da vida social” (BARBOSA, 2009, p. 16). Este e diversos outros estudos nesse campo já nos mostraram que a comida é muito mais do que um conjunto de substâncias que nós, espécie humana, utilizamos para suprir as

necessidades fisiológicas do nosso corpo. A alimentação envolve bagagem cultural, memória, política, ancestralidade, arte, identidade e muitos outros significados que atravessam todos os atos nela envolvidos, desde a produção do alimento até o próprio comer (BARBOSA, 2009).

Nesse sentido, a afirmação de Claude Fischler de que “o homem é um onívoro que se alimenta de carne, de vegetais e de imaginário” (FISCHLER, 1979, p. 1) está em consonância com a seguinte fala, de autoria de Mary Douglas e Baron Isherwood (2004, p. 105): “as posses materiais fornecem comida e abrigo [...] mas, ao mesmo tempo, é evidente que os bens têm outro uso importante: também estabelecem e mantêm relações sociais”, quando entendemos a perspectiva das Ciências Sociais em relação ao consumo alimentar.

Alimentar-se é um ato presente na vida de todos os seres humanos; mas “o quê, onde, como e com que frequência comemos”, “e como nos sentimos em relação à comida” (MINTZ 2001, p. 31), são questões que têm respostas diferentes em cada sociedade, repletas de significados que vão muito além da satisfação nutricional. Deste modo, o tema da comida, na antropologia, é um prato de entrada para uma variedade de reflexões relativas à cultura.

Neste capítulo, relaciono algumas autoras e teorias que estudaram pontos chave sobre a alimentação na contemporaneidade, especialmente a percepção de risco, que preparam o terreno para, então, falarmos de agroecologia e alimentos orgânicos em meio à pandemia.

2.1 Consumo alternativo no contexto da alimentação contemporânea

Como tudo que é relativo à cultura, a alimentação e o consumo alimentar estão sujeitos às transformações condizentes com os tempos e as sociedades que a situam. No que diz respeito à alimentação no contexto das sociedades contemporâneas, Menasche (2010; 2015) constata duas tendências bastante relevantes para a perspectiva abordada na presente pesquisa. Uma delas é a crescente ansiedade das pessoas no meio urbano em relação ao que elas comem, resultante das novas tecnologias que surgem na engenharia genética, na agropecuária e na indústria de

alimentos; a outra é a visão positiva e idealizada que a urbe tem do rural, que, ainda segundo a autora, tem influência também sobre o próprio rural e sua conformação. Esses dois movimentos podem motivar as escolhas das consumidoras em relação a quais alimentos comprar e onde comprá-los. A ideia do que é um alimento saudável, saboroso e seguro para ser consumido - como parte daquele “imaginário” ao qual Fischler (1979) se refere - não é igual para todos os grupos sociais. Se faz importante, portanto, estudar como se escolhe o que comer e o que não comer através de uma análise cultural, que investigue quais valores estão por trás de tais decisões.

Azevedo (2017), no mesmo artigo antes mencionado, propõe uma separação em cinco eixos temáticos dos principais estudos sobre alimentação, cultura e sociedade nas últimas décadas. Dentre estes, destaco como pontos importantes para o tema de meu trabalho o primeiro - “a discussão que envolve riscos, controvérsias e a ampla abordagem da (in)segurança alimentar e nutricional” (p. 283) - e o último - “o ativismo alimentar que coloca em evidência diversos movimentos transformados em repertórios de ações coletivas” (p. 283). As duas discussões, embora possam levar a caminhos de investigação distintos, estão relacionadas na medida em que a percepção de risco parte justamente da reconfiguração de mundo implicada na modernidade, em que inovações tecnológicas avançam rapidamente nas mais diversas esferas da vida cotidiana. A comida, do ponto de vista da sociedade, torna-se também objeto de questionamento e insegurança, uma vez que vários elementos externos - estranhos - são envolvidos em sua produção. Essa percepção de risco em relação à alimentação, sobre a qual discuto com mais atenção no próximo subcapítulo (item 2.2), é uma das diversas representações sociais que incidem nas formas de consumir - escolher, comprar e comer - alimentos.

Desde que a discussão sobre comida ganha espaço no cotidiano das pessoas, aparecem então as narrativas que refletem sobre o consumo hegemônico, inclusive o alimentar, questionando a norma a partir de posicionamentos políticos e morais a ela divergentes. É o que explica Roberta Sassatelli (2015), quando afirma que as formas e práticas de consumo, na contemporaneidade, integram valores morais e, portanto, o consumo se torna uma ferramenta de posicionamento frente ao debate público. As diferentes categorias de consumo ganham espaço e se solidificam através de práticas

coletivas e até, de modos mais intensos, da formação de instituições para sua regulamentação. Mesmo com esse fortalecimento de diferentes grupos de consumidoras, há uma clara distinção entre o consumo homogêneo e alternativo, acompanhada frequentemente, nas palavras da autora, por classificações como “normais ou desviantes, justos ou injustos, inocentes ou corruptores” (SASSATELLI, 2015, p. 17).

Essas narrativas desviantes (da norma), as quais a autora menciona no trecho acima, têm eclodido nas últimas décadas, formando segmentos alternativos de consumo. O conjunto desses segmentos forma o que Sassatelli chama de “consumo alternativo”, entendendo esse rótulo como “uma série de práticas e discursos heterogêneos, por todo o mundo desenvolvido, carregando uma crítica ao consumo (ou certas formas dele) e propondo novos estilos de vida” (2015, p. 19). No que diz respeito à alimentação, esse conceito vai ao encontro do que Azevedo (2017) chama de “ativismo alimentar”, que seria um “desdobramento do ativismo político” (p. 295). Neste conjunto poderiam ser incluídos agroecologia, alimentos orgânicos, freeganismo, locavorismo, vegetarianismo, veganismo, *fair trade* (comércio justo), consumo verde, consumo verde alternativo e outros (AZEVEDO, 2017; SASSATELLI, 2015).

Discutindo o consumo de alimentos orgânicos em Nova Friburgo/RJ, Castañeda de Araujo (2010) menciona dois fatores, em parte semelhantes àqueles mencionados por Menasche (2015), que contribuem para uma alta no consumo desse tipo de alimentos: a *saudabilidade* e a *cientificação*. Ambos integram os argumentos que buscam defender a alimentação alternativa, pois, de acordo com o autor, tanto no senso comum quanto no meio científico, há o debate da “doença como fruto do processo de produção e industrialização dos alimentos” (CASTAÑEDA DE ARAUJO, 2010, p. 29). O autor cita, ainda, a *gastronomização* da comida - tendência também identificada por Barbosa (2009) -, a partir da qual se valorizaria, sobretudo, o sabor do alimento, e afirma ser esse um dos argumentos mais comuns a favor da agricultura orgânica. Verifica-se, deste modo, que tendências da alimentação contemporânea são resultado de um conjunto de debates que se tencionam, entram em acordos e desacordos, e têm potência para formar novas categorias de consumo alimentar, inclusive em escala global.

2.2 Comida e risco na pandemia

As habitantes das sociedades contemporâneas, inseridas em um mundo globalizado em termos materiais e imateriais, são caracterizadas por conviverem diariamente com um ritmo acelerado de novas e abundantes informações, inovações tecnológicas que adentram espaços físicos e virtuais, e a possibilidade de “se conectar” - ciberneticamente - com quase qualquer lugar do mundo em instantes. Este ritmo acelerado de vida é alvo de reflexões de ordem política, moral, ambiental, filosófica e muitas outras; nas ciências sociais, um dos fenômenos que se aponta em relação a esse cenário é o de uma ansiedade generalizada, causada pela velocidade em que as novidades penetram nosso cotidiano. É aí, no que é estranho ou desconhecido, que se percebe risco.

O sociólogo alemão Ulrich Beck (2002) cunha o termo “sociedade de risco”, em sua teoria sobre o modo de organização social conformado pela prevenção das constantes situações de risco às quais o indivíduo está sujeito na contemporaneidade. Estudando as percepções de risco de consumidoras e agricultoras em relação à então recente inserção de alimentos transgênicos no mercado porto-alegrense, Menasche (2003) aponta que - a partir de uma discussão teórica que inclui, mas também vai além de, a teoria de Beck - o que é entendido como risco hoje não depende exclusivamente da avaliação científica, e sim de várias disputas discursivas que têm base também em outros valores sociais.

Esse dissenso em relação à credibilidade da ciência se faz especialmente evidente no debate público em 2020. Em 11 de março de 2020, a OMS declarou oficialmente a COVID-19 como uma pandemia (JOHNSON, 2020). Até aquele dia, o Brasil contabilizava 52 casos confirmados da doença e nenhum óbito. Com o passar dos meses, os números de pessoas infectadas e de óbitos passaram a subir drasticamente ao redor do mundo. No início de dezembro, o Brasil já somava 6,38 milhões de casos e 173,8 mil mortes. Em meio a essa situação, de enfrentamento a uma das maiores pandemias da história humana, uma pesquisa do Datafolha, veiculada em dezembro de 2020, apontou que 22% dos brasileiros não pretendiam tomar a vacina contra o vírus Sars-CoV-2, em grande parte por influência da postura anti-vacina

adotada pelo presidente do país: entre os apoiadores do governo de Jair Bolsonaro, esse número chegava a 30% (DATAFOLHA, 2020). Essa situação exemplifica como diferentes narrativas são disputadas no âmbito da sociedade à medida em que tenham sentido para determinados grupos sociais. A ciência não é o único dos atores que exerce tal influência; e o risco, neste caso sanitário, é uma categoria que não se configura natural ou unanimemente, mas sim socialmente.

Outra referência importante para entendermos a maleabilidade da categoria “risco” é a obra “Risco e cultura”, em que Mary Douglas e Aaron Wildavsky teorizam sobre as escolhas dos riscos a partir de uma análise cultural. De acordo com essas autoras, haverá sempre diferentes riscos aos quais somos inevitavelmente expostos, portanto fazemos uma "análise de custo-benefício, ou risco-utilidade" para eleger, entre eles, quais são mais ou menos aceitáveis (DOUGLAS; WILDAVSKY, 2012, p. 67). A contribuição principal das autoras neste tema é que não só há uma escolha entre risco, mas essa escolha é feita a partir de critérios decisórios diferentes, que partem de representações sociais. E isso não é diferente quando falamos de escolhas relacionadas à comida e à saúde, categorias que se relacionam intimamente.

A busca por uma alimentação saudável é um dos elementos que justifica a existência de determinados grupos de consumo alimentar alternativo, como mencionei no subcapítulo anterior. A ideia de saúde está proximamente relacionada à ideia de pureza no mundo ocidental, como defende Mary Douglas (1991) no livro “Pureza e perigo”. Esse fato é amplamente evidenciado na bibliografia que se refere a esses movimentos e, da mesma forma, aparece nas falas das interlocutoras da presente pesquisa, como descrito no quarto capítulo deste trabalho.

Trazendo essas questões para a conjuntura atual do Brasil, Segata (2020) aponta haver, durante a pandemia de COVID-19, a tendência de olharmos mais atentamente para os riscos aos quais estamos expostos, na tentativa de minimizá-los. Tal movimento pode levar as pessoas a comportamentos que signifiquem, para as mesmas, fuga a esses riscos. Partindo da bibliografia antes comentada, podemos pensar a pandemia como um período de intensificação da *sociedade de risco*. À mesma medida, conseqüentemente, determinados comportamentos relacionados a essa

percepção podem ser adotados ou intensificados. Um desses é a procura por determinados produtos que ofereçam menor exposição ao risco que está em questão.

Sendo a pandemia uma situação de risco à saúde dos indivíduos, a associação entre saudabilidade e consumo alimentar alternativo se fortalece. Há, então, a busca pelo alimento em sua forma mais pura. Assim, elementos externos ao que é considerado parte do alimento em sua forma *natural* são vistos como sendo de maior risco, e, portanto, indesejáveis; nessa categoria entram, por exemplo, alimentos geneticamente modificados - cuja recepção nos mercados gaúchos foi pesquisada por Menasche (2003) - e alimentos produzidos de forma convencional - ou seja, com a utilização de agroquímicos. Uma das questões que esta pesquisa procurou investigar em campo, portanto, é se a pandemia pode levar a uma maior procura de, entre outras categorias, alimentos agroecológicos/orgânicos.

2.3 Agroecológicos e orgânicos

Apesar de a agricultura orgânica e a agroecologia terem uma origem comum, na contestação da agricultura convencional e em prol da sustentabilidade ambiental, as duas se distinguem em pontos importantes. “Agricultura orgânica” designa uma prática agrícola que rejeita o uso de produtos agroquímicos, genericamente conhecidos como agrotóxicos, atendendo a uma crescente demanda internacional por alimentos saudáveis e com sabor inalterado (ASSIS; ROMEIRO, 2002), categorias que se relacionam à percepção de *pureza* nas sociedades contemporâneas. Na agroecologia, por outro lado, à premissa da ausência de agroquímicos acrescenta-se a valorização da agricultura familiar na produção dos alimentos. Privilegiando a dimensão social, a agroecologia está vinculada a um projeto de desenvolvimento pautado em movimentos políticos que lutam por uma sustentabilidade ambiental vinculada à melhoria na qualidade de vida não só dos consumidores, mas de todas as populações rurais e urbanas - o que inclui pautas de justiça social como, por exemplo, as associadas às questões de gênero.

Para discutir sobre o crescimento do consumo de produtos alimentícios provenientes da agricultura alternativa ou não-convencional, trataremos, neste item do

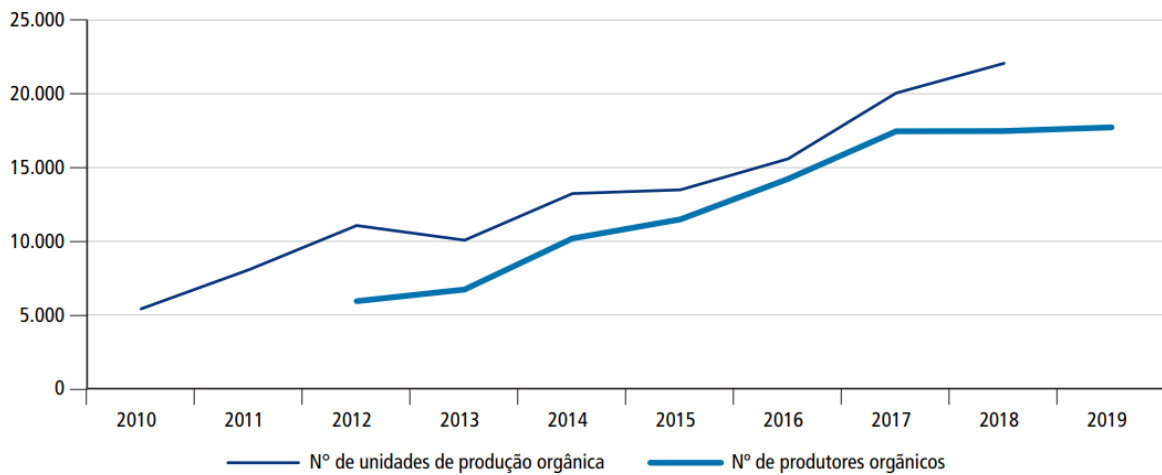
trabalho, de ambos, orgânicos e agroecológicos, evidenciando a escalada da procura por alimentos saudáveis e locais, categorias sobre as quais se debateu no item anterior.

Nas últimas décadas, há uma tendência não apenas nacional como também global de crescimento da circulação de produtos orgânicos. Castañeda de Araujo (2010) argumenta que essa “escalada orgânica” (p. 10) acontece mundialmente, a partir das duas últimas décadas do século XX, motivada por uma valorização da nutrição e da saudabilidade na alimentação e também, em determinados pontos do globo, associada a reivindicações éticas e políticas.

Esse novo segmento de mercado surge de iniciativas localizadas e de pequena escala e se expande, aliando-se depois ao comércio em escala mundial e ao setor supermercadista, principalmente nos países do chamado “Norte global”. O cenário da produção de alimentos orgânicos é, portanto, de crescimento e de envolvimento com algumas questões paralelas e outras antagônicas, como as reivindicações de movimentos sociais relativas à justiça social e meio ambiente, e processos de inserção e globalização destes produtos no mercado (CASTAÑEDA DE ARAUJO, 2010).

Muitas publicações de revistas virtuais, assim como páginas de comunicação nas redes sociais, postaram entre 2020 e 2021 dados quantitativos e qualitativos que demonstram o aumento da produção e procura por alimentos orgânicos. Tais notícias, em sua maioria, falam sobre alimentos orgânicos de modo geral, nem sempre mencionando a agricultura familiar ou a agroecologia. Na esfera pública, o “Guia alimentar para a população brasileira” lançado pelo Ministério da Saúde em 2014 traz como recomendação: “Prefira legumes, verduras e frutas da estação e cultivados localmente. Sempre que possível, adquira alimentos orgânicos e de base agroecológica, de preferência diretamente dos produtores” (BRASIL, 2014).

De acordo com publicação do IPEA (2019), “o crescimento médio anual das vendas no varejo de produtos orgânicos no mundo foi superior a 11%, no período de 2000 a 2017” (p. 7). Ainda segundo o estudo, a Lei nº 10.831 de 2003 foi a primeira a buscar regulamentar e fomentar a produção orgânica no Brasil; apesar disto, nos últimos anos o que se observa é uma regressão quanto às políticas públicas brasileiras a partir de meados da década de 2010. O gráfico a seguir, da mesma publicação, mostra o aumento dos números da produção orgânica no país entre 2010 e 2019:



Fonte: Brasil (2019a).

Figura 1 - Gráfico do crescimento da produção orgânica no Brasil entre 2010 e 2019.
Fonte: IPEA (2019).

Apesar da ampliação da produção e consumo de alimentos orgânicos no Brasil, este setor ainda representa uma parcela pequena do mercado alimentício, com 0,5% da área agricultável do país sendo ocupada por lavouras orgânicas (G1, 2021). O modelo de agricultura hoje chamado “convencional” ou “industrial” provém da Revolução Verde, que ocorreu na segunda metade do século XX com a implementação de padrões que visam uma produtividade em alta escala através do uso de tecnologias agrícolas desenvolvidas após a Segunda Guerra Mundial, “assentando-se para isso no uso intensivo de insumos químicos, das variedades geneticamente melhoradas de alto rendimento, da irrigação e da motomecanização”, nas palavras de Almeida (2008, p. 7). A produção agrícola convencional no Brasil é marcada, de acordo com Altieri (2008), principalmente pela distribuição desigual de terras e de renda, produção em monocultura, utilização de produtos agroquímicos e maquinários, e dependência de insumos externos. Para o autor, as consequências desse modelo são a disseminação de “problemas ambientais, como erosão do solo, desertificação, poluição por agrotóxicos e perda de biodiversidade” (p. 19), além de um declínio na qualidade de vida de populações rurais tradicionais.

Entre as décadas de 1970 e 1980, enquanto no Brasil o processo de industrialização e modernização do campo era intenso, surgiam, por outro lado,

movimentos de agricultura alternativa antagônicos a essa política, formados principalmente por agricultoras familiares prejudicadas por ou excluídas de tal processo (ALEXANDER, 1998 *apud* CASTAÑEDA DE ARAUJO, 2010). Esses setores se organizam coletivamente, formando movimentos sociais autônomos e politicamente engajados, baseados em um ideal comum de transformação social (CASTAÑEDA DE ARAUJO, 2010). Ainda para o autor, diversos motivos levam agricultoras a optar pelo modo de produção ecológico, como a busca por melhores condições financeiras; a preocupação com a saúde e prevenção de doenças provocadas pelo uso de agroquímicos; ideais éticos; e preocupações socioambientais.

A agroecologia é um dos movimentos que surgem nesse contexto; ela tem seu nome cunhado em 1928, se expande cientificamente entre as décadas de 1970 e 1980 e se populariza globalmente como um movimento social e político - especialmente nos Estados Unidos e na América Latina - na década de 1990 (WEZEL; SOLDAT, 2009), ganhando cada vez mais solidez em seus três pilares: ciência, prática e movimento. Justamente por seu caráter multidisciplinar e multifacetado, há diferentes motivos que levam ao crescente interesse pela agroecologia. Entre eles estão a reivindicação por uma sustentabilidade ambiental e preservação da biodiversidade; a luta por justiça social, o que pode incluir questões como a distribuição de terras produtivas, qualidade de vida no campo, garantia de direitos a populações tradicionais, entre outras; o anseio por uma alimentação livre de produtos agroquímicos ou transgênicos; por último, a valorização de espécies e produtos alimentícios de origem local. Tais motivações muitas vezes andam acompanhadas, especialmente no âmbito da agroecologia enquanto movimento social, que costuma incorporar suas várias camadas em uma filosofia abrangente.

Porém, a adesão ao consumo de produtos orgânicos pode se dar através do interesse em apenas uma ou algumas delas. Tratando desse tema, Castañeda de Araujo (2010) identifica, na bibliografia, possibilidades discursivas diferentes para a adesão ao consumo de alimentos orgânicos. Sobre a relação desse segmento com a estrutura sociopolítica capitalista, o autor percebe que a produção e o consumo de orgânicos têm as possibilidades antagônicas de corroborar com esse sistema ou então de ser um movimento que constrói oposição a ele:

De forma mais restrita, a emergência dos orgânicos pode ser vista como uma questão tecnológica, que estimula o processo de competição capitalista por meio de políticas de incentivo estatais e códigos de investimento éticos. [...] Por outro lado, de forma mais flexível, as racionalidades e formas de organização alternativas podem co-existir com as dinâmicas do capitalismo, inclusive com potencial de restringir as relações capitalistas. (CASTAÑEDA DE ARAUJO, 2010, p. 23)

Essa é uma das perspectivas analíticas que demonstram a pluralidade do que se pode agrupar sob o nome *orgânico*. Por isso, é importante elucidar que, neste trabalho, levo em conta experiências que envolvem tanto o consumo de alimentos agroecológicos quanto de orgânicos, tendo em vista a proximidade da origem de ambos, a premissa comum em relação à ausência de agroquímicos e a percepção das consumidoras em relação à saudabilidade e integralidade dos alimentos pertencentes a ambas as categorias. Assim, opto pela grafia *orgânicos/agroecológicos* sempre que me refiro aos dois de forma genérica ou conjunta. Entretanto, parto das feiras *online* e livres prestando maior atenção aos agroecológicos, exatamente porque é nesse universo que há um envolvimento mais completo das agentes - consumidoras, produtoras, pesquisadoras e outras interessadas - na construção não só de um alimento que não ofereça risco ao organismo humano, como também a toda uma cadeia de produção preocupada em oferecer o mínimo de risco a todas essas envolvidas e também ao meio ambiente, em um sentido mais amplo.

2.4 O cenário agroecológico pelotense

Apesar da velocidade de sua atual difusão, o surgimento da rede agroecológica/orgânica na região de Pelotas não é recente e nem se deu ao acaso. A agricultura convencional, que teve uma rápida ascensão entre as décadas 1960 e 1970 devida à chamada Revolução Verde, dominava o meio rural em grande parte do globo e se tornava hegemônica também no Brasil. Foi a partir da década de 1980, porém, que começam a surgir, em Pelotas e outras cidades do entorno, as primeiras movimentações do que viria a ser o movimento agroecológico na região. O Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) foi um dos grandes agentes precursores

disso, tendo surgido em 1978, na cidade de Santa Rosa, noroeste do Rio Grande do Sul, e depois se espalhado entre os três estados da região Sul do Brasil. De acordo com o *site* da entidade, o CAPA “é uma organização da sociedade civil, vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil”, que

[...] nasceu no momento em que agricultoras e agricultores familiares eram expulsas e expulsos do campo, pelo modelo de desenvolvimento chamado “Revolução Verde” – um pacote de modernização baseada na produção agrícola em grande escala, no uso intensivo de agrotóxicos e na mecanização, rompendo com a lógica da agricultura familiar. (CAPA, 2021)

Conforme relatou Cristina G., uma das interlocutoras apresentadas no capítulo 4 deste trabalho, entre os primórdios do que viria a ser o movimento agroecológico na região de Pelotas estava uma articulação dentro do Partido dos Trabalhadores, que contava com algumas agricultoras conhecidas entre si e algumas apoiadoras da ideia, mas ainda não organizadas institucionalmente. Cristina afirmou que foi nos movimentos da esquerda política que se iniciou boa parte da movimentação em torno da pauta agroecológica, e que as duas andam lado a lado. Esta fala é corroborada por Almeida (2003, p. 11) que explica que a agroecologia tem um “vínculo genético” com a Igreja Católica e os partidos de esquerda, com forte atuação de base popular nas décadas de 1980 e 1990.

Pinheiro, Menasche, Magni e Machado (2018) compilam em algumas páginas parte da história da agroecologia na região, sendo levadas pela rede até a família Schiavon, entre as precursoras da prática agroecológica no sul do estado e que até hoje são referência indiscutível nesse saber e prática. A família passou a ir atrás de uma transição radical, saindo da produção convencional, após Nilo Schiavon ser hospitalizado por uma contaminação por agrotóxicos no mesmo período e no mesmo lugar em que sua esposa, Márcia Schiavon, dava à luz os filhos gêmeos do casal. Alguns anos mais tarde, em 1995, a família teve um importante papel na criação da ARPA-SUL.

Outra interlocutora, Sandra, fala de sua experiência pessoal com esse início do movimento agroecológico na região e da feira da ARPA-SUL, alguns anos após a inauguração da última:

Eu soube da feira lá por 1998, soube que tinha um agricultor muito *esclarecido*. Então eu fui à feira, me apresentei e convidei ele para dar uma palestra no Lauro Ribeiro¹ sobre a agroecologia, que na época era um assunto que ninguém conhecia. E ele foi lá, dizer que era possível produzir alimentos sem veneno numa granja de arroz com 7.000 hectares de arroz [produzidos] de modo convencional.

Passados os anos, foi através de conexões interpessoais e o apoio de instituições técnicas, políticas e educacionais que o movimento e a prática da agroecologia, aos poucos, foram se consolidando na região de Pelotas. Não tendo a intenção de investigar com profundidade o histórico desse movimento na região, afirmo que, das conversas em campo, se pode concluir que ele se desenvolveu através do trabalho de conversa e trocas de experiência entre atores da rede que o constitui. E essa troca é característica importante da própria agroecologia, que privilegia, entre outros elementos, a pauta da educação e o princípio da coletividade.

Quando se passa algum tempo em uma feira livre, facilmente se percebe que aquele não é apenas um local de comercialização; ali, diferentes tipos de socialização ocorrem entre as consumidoras, as feirantes e outras agentes presentes. Nas feiras, há, como afirma Renata Ribeiro (2020, p. 35), “trocas materiais e imateriais entre os sujeitos do campo e da cidade”, constituindo um espaço de diálogo, ensino e aprendizagem, e formação de laços afetivos. No caso das feiras agroecológicas, mais especificamente, isso contribui, ainda, para que as consumidoras tenham contato com o debate público relativo à agroecologia, ou seja, na dimensão política que envolve esse movimento. Como observo nos próximos capítulos, no que se refere às consumidoras de produtos agroecológicos/orgânicos em Pelotas, quem vai às feiras acaba se envolvendo em uma rede que se entrelaça afetiva e também politicamente. Assim, apesar de cada feira, *online* ou presencial, configurar-se de maneira particular, há uma grande circulação de pessoas no interior desta rede agroecológica/orgânica, de modo que ela se fortalece nos sentidos econômico, social e ideológico.

Em Pelotas, portanto, a rede agroecológica/orgânica é de tamanho expressivo, o que se comprova no número de feiras e iniciativas nesse âmbito que existem na cidade, como demonstrado no item 3.3 deste trabalho; na demanda que existe por esses alimentos; nas forças institucionais e coletivas que atuam em meio a essa rede e, mais

¹ Escola Municipal de Educação Básica Lauro Ribeiro, localizada na zona rural de Jaguarão (RS)

recentemente, no Projeto de Lei de criação da Política Municipal de Agroecologia e Produção Orgânica.

O PL foi protocolado pela Prefeitura de Pelotas em 12 de janeiro de 2021 e aprovado, por unanimidade, em 7 de outubro do mesmo ano. Nesse meio tempo, a proposta foi debatida junto a produtoras, consumidoras, técnicas e representantes políticas ligadas à rede agroecológica/orgânica, com o objetivo de inserir demandas dessa comunidade no PL. Houve um esforço de divulgação do projeto e ampliação do debate relativo ao mesmo por parte do vereador Jurandir Silva, do PSOL, que realizou panfletagem e conversas com produtoras e consumidoras nas feiras agroecológicas e organizou uma Audiência Pública *online*, em abril de 2021, através da rede social Facebook e do canal de televisão TV Câmara Pelotas. Nela estavam presentes pessoas representando diferentes instituições ou enquanto membros da sociedade civil, que expressavam a importância que dão à produção e ao consumo orgânico/agroecológico através de comentários e falas como os seguintes: “Pelotas possui um longo histórico de trabalho no campo da Agroecologia, que merece muito a atenção política do poder público” e “salve as/es produtoras/es que através das práticas agroecológicas protegem a saúde, a natureza e a nossa sociedade”.

Tendo trazido esta breve notícia do cenário agroecológico de Pelotas e região, parto para outra seção do trabalho, deixando os pontos recém trazidos como indícios de que essa movimentação é madura, consolidada e fértil. Isso se deve à construção conjunta de diversos atores - indivíduos, famílias e instituições - como produtoras rurais, consumidoras, cientistas, agrônomas, professoras, agentes estatais e outras.

3 Pesquisando orgânicos e agroecológicos na pandemia: observando o familiar em transformação

O tema deste trabalho tem proximidade com algumas de minhas vivências pessoais, inclusive anteriores ao ingresso no curso de Bacharelado em Antropologia da UFPEL. Desde a infância, a agroecologia faz parte do meu dia-a-dia - não só no ato alimentar, mas também como parte das conversas, amizades e vivências que eu e minha família sempre tivemos. Cresci com esse contato próximo e rodeada pelo discurso de que o agroecológico/orgânico é melhor, mais correto e mais saudável tipo de alimento. O universo da agroecologia foi apresentado a mim por minha mãe, Sandra, uma de minhas interlocutoras na construção desta pesquisa. Ela é agrônoma e defensora da agroecologia desde sua graduação, no final da década de 1980, na FAEM/UFPEL. De acordo com seus relatos, com base na época em que cursou Agronomia, o que viria a ser um grupo de agroecologia na UFPEL teve sua origem em pequenas reuniões informais de algumas poucas estudantes do curso de Agronomia que acreditavam que a monocultura “regada a veneno” não seria o melhor caminho para a disciplina, para o meio ambiente e para a humanidade.

Mais tarde, com minha entrada na universidade, se adicionou a essa memória afetiva uma visão política, marcada por reflexões acerca das relações e estigmas entre cidade e campo, das questões relativas à trabalhadora rural e ao meio ambiente, além de um encantamento pela proposta e história da luta pela reforma agrária. Passei a conversar sobre esses temas com minha mãe e, às vezes, com alguns dos produtores que integram a feira agroecológica da ARPA-SUL, amigos próximos de minha mãe; tirava algumas fotos e postava nas redes sociais; conversava com uma amiga ou outra sobre o que é um alimento agroecológico. O interesse pelo tema aumentava gradativamente, embora eu ainda não o tivesse como tema de pesquisa.

Com a chegada da pandemia de COVID-19, em março de 2020, os rumos de minha pesquisa tiveram que ser alterados. Inicialmente, a intenção era construir uma etnografia junto a moradoras de um assentamento do MST na região de Piratini, Rio Grande do Sul, através de vivências de imersão, morando por algumas semanas no local e trabalhando junto às interlocutoras. Mas foi declarada a pandemia e, com as medidas de distanciamento social, a impossibilidade dessa permanência em campo,

que poderia colocar a comunidade e a pesquisadora em risco de saúde. Passadas algumas semanas, a orientadora desta pesquisa, Renata Menasche, sugeriu que eu passasse a acompanhar a adaptação das feiras agroecológicas no novo contexto de mundo, especialmente no que diz respeito às adaptações sanitárias adotadas. Daí passou a ser construída a presente pesquisa, que, curiosamente, se estendeu desde o período inicial da pandemia, em maio de 2020, até um período em que os números de contágios e mortes causadas pela COVID-19 estão em curva descendente ao redor do mundo, ao final de 2021 - o que se deve, em grande parte, ao percentual crescente de pessoas vacinadas contra o vírus.

O processo de pensar este campo em transformação, por si só, é um desafio para pesquisadoras de diversas áreas. Porém, à medida em que novas conjunturas se apresentam, é missão da Antropologia absorver novos conceitos e aprender como olhar para as novas formas de se viver que despontam na sociedade, buscando entender como as representações sociais atuam. Partindo desse ponto de vista, mesmo estando anteriormente parcialmente inserida no campo de pesquisa e no circuito da agroecologia em Pelotas, havia muito a aprofundar, principalmente pensando sobre como o medo generalizado e, em oposição a ele, a busca por saúde, contribuíam para a remodelação daquele universo. Então, junto às leituras e discussões em sala de aula e no grupo de estudos “Comida para Pensar”, meus passos seguintes foram começar a acompanhar de perto a movimentação que acontecia em torno das feiras agroecológicas e do consumo de alimentos agroecológicos/orgânicos em Pelotas.

3.1 Questões metodológicas

Retomando questões anteriormente levantadas: “o que ocorre com o cenário do consumo de agroecológicos/orgânicos, produtos comumente ligados a categorias como *natural* e *saudável*, durante a pandemia de COVID-19? E o que muda nas escolhas alimentares das pessoas atravessando uma ‘quarentena’ de tempo indeterminado?”, esta pesquisa pretende, em suma, explorar o que leva consumidoras da região de Pelotas, Rio Grande do Sul, a eleger certos riscos como determinantes no momento da compra de alimentos e qual é a relação que essas escolhas têm com a pandemia de

COVID-19. Para isso, é importante buscar entender, em relação à antropologia, quais são as implicações metodológicas da mudança de conjuntura pela qual o mundo tem passado com a pandemia. Sobre isto, Jean Segata (2020, p. 27) afirma que:

É certo que a pandemia em curso é um desafio para a antropologia. A natureza episódica e excepcional desse tipo de catástrofe [...] tende a dificultar interpretações locais ou culturalmente situadas. Usualmente, sobressaem os modelos explicativos universalizantes, baseados na biologia.

O distanciamento social imposto como medida sanitária na pandemia requer do trabalho de campo um deslocamento de ambiente, já que essa norma sanitária submete pesquisadoras ao distanciamento físico das interlocutoras e de seus locais físicos de circulação.

A etnografia, alicerce do fazer antropológico, tem na sua centralidade a aproximação com a vivência das pessoas com que a pesquisa dialoga, através do método de observação participante. Por muito tempo, na Antropologia, a proximidade física com as interlocutoras foi considerada requisito indispensável da pesquisa de campo, em uma imersão no universo estudado através da vivência *vis-à-vis* com essas pessoas. Um exemplo disto, entre muitos outros, é a clássica etnografia “Argonautas do Pacífico Ocidental”, inicialmente publicada em 1922, resultado da pesquisa de Bronislaw Malinowski - um dos pioneiros no método de observação participante - junto a povos tradicionais nas Ilhas Trobriand (MALINOWSKI, 1984).

Na fase inicial da Antropologia, havia também a premissa de que o campo de pesquisa deveria ser um ambiente cultural e geograficamente distante das sociedades em que estavam inseridos os pesquisadores. Essa prática integrava uma lógica sob a qual se buscava investigar comunidades tradicionais como fossem amostras da vida humana pré-histórica das sociedades ocidentais, ou seja, sociedades congeladas no tempo, em uma fase de evolução anterior. Tal paradigma viria a ser questionado e subvertido, resultando em novas possibilidades para a disciplina, que se abriu para a pesquisa junto a populações mais próximas das pesquisadoras, nos sentidos geográfico e cosmológico.

Já nos anos de 1940, algumas décadas após a escrita do clássico de Malinowski, William Foote Whyte publica sua pesquisa realizada junto a descendentes de italianas nos Estados Unidos, no livro *Sociedade de Esquina*. Considerado um

pioneiro na forma de realizar a observação participante, posicionando-se em campo no interior do grupo e permitindo relações interpessoais junto ao mesmo, através do autor dessa obra entendemos que os limites do envolvimento em campo constituem questão de percepção sensível ao contexto (FOOTE WHYTE, 1990).

Minha proximidade com o tema de estudo enquanto consumidora agroecológica e conhecedora do movimento faz de mim alguém que, ao menos em parte, observou “de dentro” as transformações que a pandemia trouxe para essas práticas. Porém, no esforço de olhar o familiar com olhos mais atentos, neste momento, no movimento de partir de categorias teóricas para voltar ao campo e já entendendo qual seria meu enquadramento, a proximidade foi essencial para captar alguns sentidos por trás das ações e falas de interlocutoras. O antropólogo Gilberto Velho (1987), em seu ensaio intitulado “Observando o familiar”, reflete sobre essa proximidade da pesquisadora com alguns elementos de seu campo, afirmando que mesmo quando pensamos conhecer bem o cenário, as pessoas e as práticas, há sempre outros pontos de vista, talvez nossos pontos cegos, que enquanto pesquisadoras devemos realizar o esforço de alcançar, a fim de captar o que ocorre no *lugar do outro*. Nas palavras do autor,

[...] dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações sociais de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isto, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo de diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações [...]. Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se, inevitavelmente, a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder pôr-se no lugar do outro. (VELHO, 1987, p. 40)

O exercício de olhar de modo diferente para algo já conhecido agora se somava ao desafio de pesquisar majoritariamente através da internet. Diversas cientistas sociais argumentam que há um paradigma limitante na visão que se tem habitualmente em relação a etnografar através da (ou a própria) internet. Escobar (2016) afirma que a tecnologia não pode ser vista como algo desprendido e autônomo em relação à sociedade e que “os processos sociais são inerentes às inovações tecnológicas” (p. 24). Nesse mesmo sentido, Lidiane Hirdes (2016) constrói sua pesquisa sobre práticas alimentares veganas tanto *online* quanto *offline*, afirmando que, em seu contexto de

estudo, o primeiro meio é utilizado como “articulador de valores políticos e ideológicos, bem como para a transmissão e propagação de conhecimentos em torno dos direitos animais” (p. 24). Se, na contemporaneidade, muitas sociedades fazem uso da internet e das redes sociais como meio para dialogar, expor posicionamentos, absorver conteúdos, tomar decisões, demonstrar valores morais e estéticos e tantas outras formas de sociabilidade, não há motivo para rejeitar esse ambiente enquanto campo de pesquisa etnográfica: pelo contrário, ele é complexo e rico em dados para cientistas sociais. Lévy (1999 *apud* HIRDES, 2016, p. 48) explica que o meio “virtual” não deve ser entendido como sinônimo de “irreal”, pois no contexto do ciberespaço, ponto de encontro de “escrita-leitura coletiva”, se estabelecem relações “reais” entre um conjunto de sujeitos que integram a rede, ainda que essas trocas tenham formatos maleáveis e uma cronologia diferente das relações *offline*.

Deste modo, as relações que se estabelecem através da internet, aqui mais especificamente pela comunicação visual e textual realizada nas redes sociais, como descrito nos itens 3.2 e 3.3, são tão humanas (e legítimas) quanto quaisquer outras relações sociais. No caso deste estudo, serão essenciais à pesquisa, no intuito de respeitar o distanciamento social durante a pandemia.

Outra questão metodológica que se coloca é a de como identificar as interlocutoras mencionadas neste trabalho. A reflexão é de ordem ética, já que o processo de etnografar implica em uma relação de confiança e uma certa intimidade entre pesquisadora e interlocutora; deste modo, a primeira deve estar atenta ao modo como representa as pessoas com quem compartilhou esses espaços de abertura. É compromisso da antropóloga garantir que as protagonistas da pesquisa se sintam confortáveis a opinar sobre o que querem ou não que apareça na edição final do trabalho, o que inclui o uso ou não do anonimato. Como reflete Claudia Fonseca (2008), essa questão é bastante complexa e delicada: ao contrário de outras áreas mais rígidas do conhecimento, nas ciências sociais há muito a se considerar para pensar no uso ou recusa do anonimato, pois cada uma dessas escolhas pode ter efeitos positivos e negativos, a depender do contexto pesquisado. Tampouco se pode presumir o uso de nomes fictícios como proteção às interlocutoras, pois eles podem, como exemplifica a autora, não garantir seu anonimato, ou então passar uma impressão negativa do campo

- pois se há anonimato, ele “parece designar justamente as pessoas que têm algo para esconder” (FONSECA, 2008, p. 41). Do outro lado da moeda, o uso dos nomes reais deve ser avaliado com a mesma sensibilidade. Essa escolha pode levar a consequências jurídicas ou morais indesejadas e colocar pessoas ou comunidades em risco; enquanto em outras situações, como, por exemplo, contextos de reivindicação política, ela pode significar uma legitimação daquelas interlocutoras e fortalecer uma ideia.

As interlocutoras² que colaboram nesta pesquisa têm diferentes graus de envolvimento com a pauta agroecológica/orgânica, mas têm em comum uma visão positiva desse movimento, assim como, em geral, o defendem a partir de uma perspectiva política e ética. Desta maneira, quando questionadas se gostariam que seus nomes verdadeiros fossem utilizados no texto final, todas concordaram prontamente e a maioria expressou a vontade de ler o trabalho após sua finalização. Pelos motivos mencionados acima, faço uso dos primeiros nomes verdadeiros de todas as interlocutoras - apenas adicionando a primeira letra de seus sobrenomes quando necessário, para distinguir pessoas que têm o mesmo primeiro nome – e, desse modo, não utilizo o anonimato neste trabalho.

3.2 Primeiras adaptações à pandemia

A partir de março de 2020, começa a surgir, em Pelotas e no Brasil, um novo estilo de fazer a feira: são várias iniciativas de oferta de produtos agroecológicos/orgânicos através da internet, tanto em *sites* quanto em aplicativos, especialmente nas redes sociais. Essa tendência não se deu unicamente nesse segmento: pode-se observar, no país, uma grande migração de estabelecimentos comerciais, formais ou informais e em setores diversos, para o meio *online*. Ainda, mesmo aqueles que continuaram funcionando presencialmente foram impelidos a oferecer a opção de *delivery* (entrega a domicílio) ou então viram a demanda por essa opção subir drasticamente, dada a impossibilidade da realização de compras ou de refeições presenciais. Sobre essa impossibilidade, é importante dizer que aí operaram tanto as recomendações de

² Relembro, a fim de não confundir a leitora, que aqui estão incluídos os interlocutores homens.

cientistas e agentes da saúde e as normas impostas por governantes, quanto o próprio sentimento de medo e ansiedade que atingiu intensamente a humanidade de forma generalizada, sobretudo nas primeiras semanas da pandemia de COVID-19.

Além disso, muitas pessoas passaram a permanecer mais tempo no ambiente doméstico. Dessas, muitas perderam emprego em decorrência da pandemia, outras foram afastadas do trabalho por tempo indeterminado, outras passaram para a modalidade *home office* (trabalhando em casa, de forma remota), outras tiveram que pedir afastamento ou demissão para cuidar de suas filhas ou de crianças da família, entre tantas outras situações. Fatores como esse, adicionados à crise econômica e social que, desde então, se aprofunda no Brasil acometido pela COVID-19, têm contribuído para o crescimento da insegurança alimentar e da vulnerabilidade social.

Enquanto que nas camadas sociais de menor poder aquisitivo a pandemia tem, frequentemente, implicado em situações como fome ou em corte de itens da lista de compras em razão da alta dos preços, entre as camadas média e de renda mais elevada o novo quadro traz questões como a retomada do ato de cozinhar e, muitas vezes, reflexões quanto à dieta e hábitos alimentares. Como apontam Silva e Menasche (2020, p. 2), as mudanças que a população está vivendo nas “formas de cozinhar, de comer, da comida e da comensalidade” devidas à pandemia “serão determinantes para ressignificar novas escolhas, práticas e hábitos alimentares, tanto para as populações vulneráveis, que vivem o cotidiano de privação e insegurança alimentar e nutricional, como os grupos de maior renda”.

Pensando na oferta dos produtos alimentícios, entre as produtoras agrícolas o quadro, é claro, também foi de mudança. A partir das primeiras semanas de pandemia, as restrições e requerimentos sanitários implicaram em uma adaptação também por parte daquelas cujos produtos alimentícios passam longe das grandes redes de supermercados. Muitas feiras livres, produtoras agrícolas independentes, cooperativas e pequenos negócios em geral têm sido compelidos a adotar, além das duas estratégias mencionadas anteriormente - a migração parcial ou total das vendas para o meio online e a adoção ou ampliação do *delivery* -, outros protocolos sanitários recomendados. Uma cartilha intitulada “COVID-19: Dicas de segurança para

agricultores nas entregas de alimentos” foi elaborada pela União de Hortas Comunitárias de São Paulo em março de 2020, aconselhando que:

#1: Na colheita, higienização e organização das mercadorias, ou outro trabalho coletivo: mantenha distância de 1 a 2 metros entre as pessoas e higienize as mãos com água e sabão ou álcool com frequência. Se tomados esses cuidados, não é necessário usar luvas nem máscaras.

#2: Nas entregas, evite contato pessoal. Não entregue pessoalmente as mercadorias ao motorista do caminhão ou ao cliente; deixe-as em local determinado para que sejam retiradas sem que você esteja presente. Se for inevitável o encontro, mantenha distância de 1 a 2 metros da outra pessoa e fale apenas o necessário.

#3: Se você for fazer as entregas com seu carro próprio, higienize com frequência todas as partes onde a mão toca (volante, câmbio, cinto de segurança, seta etc), incluindo maçaneta da porta.

#4: Desinfete as caixas antes de colocar os produtos e depois, ao retornar para casa. Pano úmido com álcool, borrifador com álcool ou água sanitária e lavar com água e sabão são equivalentes. Prefira as caixas de papelão ou madeira (o vírus sobrevive menos tempo nelas). Se as caixas forem de plástico, é necessário repetir a higienização por 3 dias (tempo que o vírus sobrevive na superfície de plástico).

#5: Dê preferência a transações bancárias para o pagamento dos pedidos. Se tocar em dinheiro ou cartão, higienize as mãos com álcool ou água e sabão a cada contato. Se for possível, uma pessoa deve ficar responsável somente pela função de receber os pagamentos. (UNIÃO DE HORTAS COMUNITÁRIAS DE SÃO PAULO, 2020)

Outro documento, chamado “Feira virtual delivery: Manual de Orientações em Tempos de COVID-19”, de autoria do Coletivo de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Lavras, visa contribuir para a “saúde do feirante, entregadores e de toda população, orientando para que a comercialização dos alimentos possa ocorrer da melhor forma e que haja segurança, diminuindo o risco de contaminação e protegendo a vida” (MACHADO; SANTOS; CHAGAS, 2020, p. 2). Esse manual, de 15 páginas, dá um passo-a-passo de procedimentos para cada uma das etapas pelas quais feirante e consumidora passam desde a separação dos alimentos até o consumo, além de fornecer informações básicas a respeito da COVID-19.

Em comum, os dois documentos trazem discursos que ressaltam a importância dos cuidados de higiene por parte das produtoras, pois essas são responsáveis por todo o conjunto de etapas envolvido na comercialização do produto. No caso das

produtoras agroecológicas, muitas famílias colhem, separam, organizam, transportam e comercializam seus produtos, bem como, na feira livre, têm contato direto com as consumidoras e manejam objetos que são passados de mão em mão ou compartilhados durante a comercialização: cédulas, moedas, balança, calculadora e outros. Passar álcool em gel, lavar as mãos e outros protocolos do tipo tornam-se, assim, essenciais para reduzir a transmissão viral tanto para a produtora e sua família quanto para as frequentadoras da feira.

3.3 Observando a rede agroecológica/orgânica, *online* e *offline*

Observando o surgimento de iniciativas em formato de feiras, cestas e produtos avulsos que foram aparecendo na internet a partir do início da pandemia, anteriormente mencionadas, comecei a catalogá-las em uma planilha, anotando algumas informações básicas sobre cada uma. Anteriormente à pandemia, já havia em Pelotas algumas opções na modalidade virtual, mais notoriamente, a Feira Virtual Bem da Terra, iniciativa da Rede Bem da Terra, baseada em modelos de economia solidária, que iniciou suas atividades em 2014. Foi, porém, a partir da implementação do distanciamento social que passaram a brotar, em Pelotas e região, novas iniciativas no meio *online*. Esses pequenos negócios se apresentam através de canais diversos dentro do universo de possibilidades do *online*. São produtoras agrícolas independentes, associações e redes que, na busca por encontrar o melhor meio para comunicar e ofertar produtos às consumidoras, se espalharam entre redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp, ou em plataformas e *sites*, com cardápios de produtos ou até sistemas de *e-commerce*³.

Frequentando algumas das feiras agroecológicas presenciais da cidade - respeitando os protocolos de distanciamento, uso de máscara e higienização de bens materiais -, também pude acompanhar um pouco das mudanças nesses espaços físicos. Como mencionado, a produção e venda de agroecológicos/orgânicos no Brasil tem crescido nos últimos anos, e em Pelotas se pode observar o mesmo. No período de

³ *E-commerce* é a abreviação do termo da língua inglesa *electronic commerce*, que traduz para “comércio eletrônico”. O termo é utilizado corriqueiramente para designar a comercialização de produtos através da internet.

realização desta pesquisa, de março de 2020 a maio de 2021, foram inauguradas seis novas feiras livres ou bancas agroecológicas na cidade de Pelotas: a Feira Grupo Ecológico Terra Limpa (Rua Guilherme Wetzel, esquina com Avenida Fernando Osório), a Feira Grupo Serra dos Tapes (Avenida República do Líbano, esquina com Rua Júlia Lopes de Almeida), a Feira Bem da Terra no Parque Una (Rua Dois), a banca da Feira Bem da Terra na feira convencional do Parque Dom Antônio Zattera, a Feira Ecológica Viva Bem Quartier (Rua Albino Brod) e a Feira Quilombola Akotirene (Praça Coronel Pedro Osório, ao lado da Bibliotheca Pública Pelotense).

É importante elucidar que o mapeamento realizado não pretende dar conta de todas as iniciativas que poderiam integrá-lo, mas sim abarcar ao máximo as mencionadas pelas interlocutoras da pesquisa – aí inseridos membros do GAE – e aquelas encontradas nas buscas na internet. Apesar dessa limitação, o levantamento pode ser de interesse às leitoras e constituiu-se em parte importante desta pesquisa, evidenciando a quantidade expressiva de feiras e iniciativas constituídas na cidade. Entre essas, todas têm ponto de comercialização ou realizam entregas em Pelotas, cidade que é foco desta pesquisa, mas muitas das famílias e indivíduos são produtoras e moradoras de outros municípios da região, como Arroio do Padre, Canguçu, Capão do Leão, Morro Redondo, São Lourenço do Sul e Turuçu. Apresento a seguir o resultado do mapeamento na íntegra, através da Tabela 1:

Tabela 1⁴ - Mapeamento de feiras e iniciativas agroecológicas/orgânicas de Pelotas em 2021

Nome	Tipo	Horários	Link/Contato
Feira ARPA-SUL (Av. Bento Gonçalves)	Presencial	Terças 7h00 - 12h30	https://www.instagram.com/feiraarpasul/
Feira Grupo Ecológico Terra Limpa (Av. Fernando Osório)	Presencial	Terças 14h00 - 19h00	https://www.facebook.com/eiraterralimpa
Feira Grupo Serra dos Tapes (Av. República do Líbano)	Presencial e <i>delivery</i>	Quartas 7h00 - 13h00	https://www.facebook.com/Grupo-Ecol%C3%B3gico-Serra-Dos-Tapes-

⁴ De acordo com pesquisa realizada até maio de 2021.

[103504768256917/](https://www.instagram.com/103504768256917/)

Feira Bem da Terra (Parque Una)	Presencial	Quartas 10h00 - 17h00	https://www.instagram.com/ feirabemdaterra/
Feira Ecológica Viva Bem Quartier	Presencial	Quartas 14h00 - 19h00	https://www.instagram.com/ bairroquartier/
Feira ao Entardecer ARPA-SUL (Mercado Público de Pelotas)	Presencial	Quintas 13h00 - 18h00	https://www.instagram.com/ feiraarpasul/
Feira Bem da Terra (banca inserida na feira convencional do Parque Dom Antônio Zattera)	Presencial	Sábados 07h00 - 12h00	https://www.instagram.com/ feirabemdaterra/
Feira ARPA-SUL (Av. Dom Joaquim)	Presencial e <i>delivery</i>	Sábados 07h00 - 12h00	https://www.instagram.com/ feiraarpasul/
Feira Quilombola Akotirene (Praça Coronel Pedro Osório)	Presencial	Sábados 08h00 - 14h00	https://www.facebook.com/ Feira-Kilombola-Akotirene- 103981415207433
Armazém Aruanda	Feira <i>online</i>	-	https://www.instagram.com/ armazemaruanda/
Feira Virtual Bem da Terra	<i>Online</i>	-	https://www.instagram.com/ feirabemdaterra/
Clube Feira em Casa	<i>Online</i>	-	www.minhafeiraemcasa.co m
Feira Orgânico Solidário	<i>Online</i>	-	https://organicosolidario.eco .br
Feira Virtual da Agricultura Familiar (FEVAF)	<i>Online</i>	-	http://www.emater.tche.br/si te/fevaf/apresentacao
Planti Vida Orgânica	Feira <i>online</i>	-	https://www.instagram.com/ planti_vidaorganica/
Saúde no Cesto	Feira <i>online</i>	-	https://www.instagram.com/ saudenocesto/

Tenda Orgânica	Feira <i>online</i>	-	https://www.instagram.com/tenda_organica/
Feira São Domingos	<i>Online</i> (antes era presencial)	-	https://www.facebook.com/eirasaodomingos/
Chácara das Camélias	Direto com produtores	-	https://www.instagram.com/chacaradascamelias/
EFASUL	Direto com produtores	-	https://www.instagram.com/efasulrs/
Casa da Árvore (horta urbana)	Direto com produtores	-	https://www.instagram.com/casadaarvorepelotas/
Vida na Terra (produtor Cleu Aquino)	Direto com produtores	-	(53) 98413-6456
Cooperativa Sul Ecológica	Loja física	-	https://www.instagram.com/sulecologica/
Campanha de arrecadação - Fórum em defesa da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional e Movimentos Sociais	Outro	-	https://www.facebook.com/F%C3%B3rum-em-defesa-da-Soberania-e-Seguran%C3%A7a-Alimentar-e-Nutricional-651686778549086
Sítio Pedra Grande	Outro: vende através da Rede Bem da Terra	-	https://www.instagram.com/sitio_pedragrande/
Cooperativa Teia Ecológica	Restaurante vegetariano de base ecológica	-	https://www.instagram.com/teiaecologica/

Fonte: autoria própria (2021).

A primeira feira que visitei foi a da Associação Regional dos Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL), situada na Avenida Dom Joaquim, a maior e mais antiga - e mais renomada - feira agroecológica de Pelotas. Essa é a maior das três feiras atualmente realizadas pela ARPA-SUL na cidade de Pelotas e acontece todos os sábados, entre 7h00 e 12h00, ocupando um trecho da Rua Póvoas Júnior,

esquina com a Avenida Dom Joaquim e com a Avenida República do Líbano, no bairro Três Vendas, próximo ao Centro.

Logo nas primeiras semanas da pandemia, conversei com alguns produtores que comercializam nesta feira, sendo que alguns deles conheço há anos. Questionei sobre o movimento da feira e quais mudanças havia sido necessário implantar naquele momento. Uma dessas pessoas foi o agricultor e feirante Nilo Schiavon, um dos precursores não apenas da ARPA-SUL como também do movimento agroecológico na região sul do Rio Grande do Sul. Nilo contou que, além da adaptação com o uso constante de máscaras, uma das principais estratégias adotadas foi a entrega a domicílio. As consumidoras passaram a ter a opção de realizar pedidos através do WhatsApp ou ligação telefônica e esses produtos eram, então, selecionados e separados em caixas, sendo entregues pela cidade, no mesmo horário da feira, com auxílio de um caminhão. Tal estratégia foi um rápido sucesso e continua sendo executada, daí Nilo afirmar que, provavelmente, as entregas se manterão mesmo após o final da pandemia, pois muitas consumidoras preferem o *delivery* ou não têm disponibilidade para ir à feira.

Já no caso das feiras *online*, as redes sociais - em especial Facebook, WhatsApp e Instagram - têm sido os canais pelos quais a comunicação, tanto textual quanto visual, rica em dados do ponto de vista antropológico, tem permitido observar muitos dos valores que perpassam as relações entre quem vende e quem compra esses produtos. Na página no Instagram de uma das feiras *online*, a Tenda Orgânica, uma das postagens tem a seguinte descrição em texto (figura 2):



Figura 2 - Postagem na conta de Instagram da Tenda Orgânica explicando o que é o produto orgânico.

Fonte: página da Tenda Orgânica na rede social Instagram (2021). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CL79BbTgq9/>.

A descrição traz à tona a importância de dimensões que vão além das exigências sanitárias e que caracterizam um produto considerado de qualidade, sendo orgânico; entre elas destaque “cultivo natural”, que está relacionado a uma noção de pureza e de não interferência intoxicante naquela produção, e “procedência é TUDO”, onde observamos a valorização do conhecimento em relação à origem do alimento. Como explica Menasche (2003, p. 190): “o alimento *natural* não seria apenas considerado o de melhor gosto. Em oposição ao alimento industrializado, seria apontado como puro e, dessa forma, saudável”. Patrícia Cruz (2014, p. 44), trabalhando com a rede agroecológica na região de Pelotas, afirma que “a experiência na feira e sua consequente relação semanal com aquele que produz o alimento, seriam as questões propositivas de que *aqui eles vendem um bom produto, é um alimento saudável*”.

Para as consumidoras de produtos agroecológicos/orgânicos, a proximidade na relação com a produtora do alimento é fortemente valorizada. A relação que se constrói, sobretudo por parte de consumidoras que frequentam a mesma feira livre há muito tempo, ultrapassa o frio distanciamento entre vendedora e compradora, sendo a ela adicionadas trocas de diversos tipos, dentro e fora da feira. Assim, a percepção que se

constrói quanto aos alimentos ofertados é de confiança, perpassada por essa relação pessoal, em oposição à desconfiança que podem caracterizar os alimentos industrializados, processados, *envenenados* e/ou transgênicos. Ao relatar sobre sua experiência entre produtores e consumidores da Serra dos Tapes, região na qual se insere a cidade de Pelotas, Wienke-Tavares (2020, p. 188) corrobora com essas análises, observando que as consumidoras “buscam nas feiras e armazéns de orgânicos uma garantia de saúde, de pureza, e mais que isso, poder gozar a singularidade dos artigos ‘de fora’, que agregam em si a representação do campo para quem vive na zona urbana”.

Como constatado anteriormente, no item 3.1 deste trabalho, entre *online* e *offline*, normalmente tidos como mundos separados, muitas vezes se presume em relação ao último uma *virtualidade*, palavra que também pode significar *desprovido de realidade*. Ao contrário dessa ideia, Miller e Slater (2004) demonstram que a maneira com que as pessoas se relacionam com o ambiente das redes sociais reflete características sociais próprias àquele grupo e, portanto, é um ambiente a mais, entre *online* e *offline*, no qual essas pessoas expressam os mesmos valores culturais. Isso se materializa no movimento entre *online* e *offline* que a rede agroecológica/orgânica como um todo faz, improvisando estratégias de comunicação através dos meios que alcançam as pessoas. Abaixo, nas figuras 3 e 4, temos exemplos dessa movimentação: na imagem à esquerda, o produtor canguçuense Cleu Aquino produz mercadorias e kits em sua agroindústria agroecológica Vida na Terra e realiza entregas em diferentes pontos de encontro previamente estabelecidos na cidade de Pelotas, e envia as opções e detalhes da comercialização em mensagens individuais à rede de clientes, através do aplicativo WhatsApp; na imagem à direita, o grupo de WhatsApp “Cestas G.E. Serra dos Tapes”, que em setembro de 2021 continha 191 participantes, é um meio de venda *online* do mesmo grupo que realiza a feira presencial Serra dos Tapes, inaugurada em 2021.



Figura 3 - Oferta de kits e produtos da agroindústria familiar Vida na Terra.

Fonte: captura de tela de mensagem enviada através do aplicativo WhatsApp (2021).

Figura 4 - Oferta de cestas e produtos do Grupo Ecológico Serra dos Tapes pelo aplicativo Whatsapp.

Fonte: captura de tela de mensagem enviada através do aplicativo WhatsApp (2021).

O Grupo Ecológico Serra dos Tapes é um caso emblemático no cenário agroecológico atual de Pelotas e região. As nove famílias que integram o grupo fazem parte de uma ação do CAPA através da chamada pública da ANATER. Como afirma um dos agrônomos da entidade, Márcio Morales, a ação se deu voltada para a “diversificação em áreas cultivadas com tabaco”, de modo que “muitos desses agricultores estão na etapa de transição do cultivo do tabaco para a produção de alimentos de forma ecológica” (JORNAL O LOURENCIANO, 2020). O tabaco é um produto notavelmente associado à dependência da produtora rural em relação às empresas fumageiras - que concedem crédito para compra de maquinários, resultando em endividamento de muitas famílias rurais - e à baixa remuneração para as

trabalhadoras, além de ser causa comum de intoxicação de seus corpos. Ainda assim, dada sua rentabilidade, a produção fumageira é uma das atividades mais presentes nas *colônias* da região sul do Rio Grande do Sul. Em 2021, o Grupo Serra dos Tapes tem trabalhado nessa transição através da entrega de cestas, como demonstrado na figura 5, e da realização semanal da Feira (presencial) Grupo Ecológico Serra dos Tapes, inaugurada no final de 2020, na Avenida República do Líbano, na esquina com a Rua Júlia Lopes de Almeida.



Figura 5 - Organização para entrega de cestas encomendadas *online* do Grupo Ecológico Serra dos Tapes.

Fonte: Imagem enviada por Igor Weber através do grupo “Cestas G.E. Serra dos Tapes” no aplicativo WhatsApp (2021).

A abertura de novas feiras livres agroecológicas na cidade de Pelotas é motivo de comemoração e, pode-se dizer, orgulho entre as integrantes da rede de agroecologia na cidade. Pode-se perceber que, apesar da agroecologia apresentar tendência de crescimento na região, essa rede é formada por muitas pessoas envolvidas com o tema há anos, ou que militam pelo movimento, ou que além de

consumirem os produtos contribuem de outras formas, ou que constituem relação com várias agentes dentro dessa rede, e assim por diante. Resulta que, entre esse grupo grande e diverso, muitas vezes são vistas as mesmas pessoas e instituições em diferentes situações: reuniões, feiras, *lives* (transmissões ao vivo em redes sociais), eventos inaugurais, grupos nas redes sociais e outros.

Nos meios em que me inseri, foi possível perceber a presença do CAPA como fomentador de alguns dos eventos e inaugurações de feiras, bem como sua atuação na assistência técnica e extensão rural. Como mencionado anteriormente, essa entidade atua desde o final da década de 1970 em várias frentes, na promoção e assistência às produtoras e feirantes agroecológicas da região sul do Brasil, fortalecendo e ampliando a rede agroecológica na região. A seguir, as figuras 6 e 7 apresentam os convites para as inaugurações de duas novas feiras - a Feira Grupo Ecológico Terra Limpa e a Feira Quilombola Akotirene -, ambas em maio de 2021 e apoiadas pelo CAPA, enquanto que as figuras 8 e 9 trazem fotografias dessas inaugurações.

CONVITE | INAUGURAÇÃO

FEIRA GRUPO ECOLÓGICO

TERRA LIMPA



Dia **18 de maio** (terça-feira), **a partir das 14h** você está convidado para a **inauguração da nossa nova feira agroecológica!!**
A feira acontecerá **todas as terças-feira, das 14 às 19h**

A feira Ecológica Terra Limpa é formada por 20 famílias agricultoras agroecológicas de Pelotas e região, assessorados pela equipe técnica do CAPA (Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia).

Toda a produção é realizada sem o uso de qualquer tipo de agrotóxico ou insumo químico, por acreditarmos ser possível produzir alimentos a partir de tecnologias de base ecológica, e dessa forma levar ao consumidor produtos sem qualquer contaminante oriundo de agroquímicos! A Feira Ecológica do grupo Terra Limpa vai levar até você uma grande variedade de produtos agroecológicos, como hortaliças, frutas, pães, cucas, temperos, chás entre outros.

Venha conhecer a nossa feira e visite também as nossas páginas:
Grupo Terra Limpa - <https://www.facebook.com/feiraterralimpa>
CAPA - www.capa.org.br
CAPA (facebook) - <https://web.facebook.com/CAPAPelotas>

Todas as terças-feira, das 14 às 19hs.

Rua Guilherme Wetzel, esquina Avenida Fernando Osório



Figura 6 - Convite para a inauguração da Feira Grupo Ecológico Terra Limpa.

Fonte: página da Feira Ecológica Terra Limpa na rede social Facebook (2021). Disponível em: <https://www.facebook.com/feiraterralimpa/posts/111867341073222>.

GRUPO AGROECOLÓGICO QUILOMBOLA AKOTIRENE

CONVITE INAUGURAÇÃO FEIRA QUILOMBOLA

Dia 29 de MAIO (sábado), a partir das 8h, você está convidado para a inauguração da nossa primeira feira agroecológica quilombola!!

Local: Praça Cel. Pedro Osório, esq. Rua Conde de Piratiny (ao lado da Biblioteca Pública Pelotense) | Centro | Pelotas/RS

A feira Agroecológica Akotirene é formada por famílias agricultoras quilombolas de Pelotas e região, assessoradas pela equipe técnica do CAPA (Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia).

Toda a produção é realizada sem o uso de qualquer tipo de agrotóxico ou insumo químico, por acreditarmos ser possível produzir alimentos a partir de tecnologias de base ecológica e, dessa forma, levar ao consumidor produtos sem qualquer contaminante oriundo de agroquímicos!

A Feira Ecológica do grupo Akotirene vai levar até você uma grande variedade de produtos agroecológicos, como hortaliças, frutas, pães, cucas, temperos, chás entre outros e é a primeira feira de famílias quilombolas em toda a região. Comprando produtos da agricultura familiar, além de levar alimentos saudáveis para a sua casa, você ainda ajuda no desenvolvimento rural sustentável!

Conheça mais sobre o nosso trabalho através das redes sociais:
 Grupo Akotirene (facebook) - <https://www.facebook.com/Feira-Kilombola-Akotirene-103981415207433>
 CAPA - www.capa.org.br
 CAPA (facebook) - <https://web.facebook.com/CAPAPelotas>

Execução: ASSOCIAÇÃO KILOMBOLA DO ALGODÃO

Assessoria: CAPA Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia

Apoio: FLD projeto de vida actaliança

Parceiros: Brot für die Welt

Figura 7⁵ - Convite para a inauguração da Feira Kilombola Akotirene.

Fonte: página da Feira Kilombola Akotirene na rede social Facebook (2021). Disponível em: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=115658947373013&id=103981415207433.

⁵ Na legenda, opto pela palavra *Kilombola* - contradizendo a grafia do convite, *Quilombola* - pois é pela primeira que o grupo se identifica em suas redes sociais.



Figura 8⁶ - Feira Grupo Ecológico Terra Limpa no dia de sua inauguração.

Fonte: autoria própria (2021).



Figura 9⁷ - Feira Kilombola Akotirene no dia de sua inauguração.

Fonte: autoria própria (2021).

⁶ Feira inaugurada em 17 de maio de 2021. Na foto aparecem feirantes do Grupo Ecológico Terra Limpa, integrantes do CAPA e integrantes do GAE.

⁷ Feira inaugurada em 29 de maio de 2021.

No curso desta pesquisa, um coletivo foi primordial para o acesso a determinadas atividades, informações e contatos: o Grupo de Agroecologia da UFPEL. O GAE é uma entidade autônoma, criada por estudantes da Faculdade De Agronomia Eliseu Maciel (FAEM), sendo hoje formada por um conjunto amplo e interdisciplinar de estudantes de graduação e pós-graduação desta universidade. De acordo com Lisiane Brolese et al. (2007, p. 445), o objetivo do GAE é “fomentar práticas e debates fundamentados na agroecologia, primando sempre por uma troca de conhecimentos e experiências, tanto na comunidade acadêmica, quanto na comunidade em geral”, realizando “oficinas, debates, vídeos, palestras, encontros, além de outras atividades práticas” com o intuito de educar sobre, incentivar, debater e pôr em prática a agroecologia.

Recebi o convite para me aproximar do GAE após um reencontro que ocorreu ao acaso. Em uma quinta-feira do início de 2021, na feira da ARPA-SUL situada no largo do Mercado Público de Pelotas, encontrei um antigo conhecido, que se tornaria um interlocutor essencial no âmbito desta pesquisa. Frederico M. estudou no mesmo colégio que eu quando éramos adolescentes, e lá já conversávamos eventualmente no pavilhão após as aulas. Fui reconhecê-lo alguns anos depois, através de contatos nos movimentos sociais, em 2019. Agora, o reencontrava enquanto estudante da FAEM/UFPEL e participante do circuito agroecológico de Pelotas. Nessa ocasião, expliquei a Fred, apelido que leva, que eu havia escolhido o consumo de agroecológicos/orgânicos na pandemia como tema de pesquisa; ele na hora se alegrou e me convidou a integrar o GAE.

A cada evento relacionado pela rede agroecológica de Pelotas e região, entre alguns participantes do GAE começava uma mobilização buscando maneiras de contribuir; especialmente nas ocasiões de aberturas de feiras, as mesmas eram celebradas e debatidas, com o intuito de pensar estratégias para a divulgação e a ampliação de seus públicos. Para tal, eram realizadas reuniões ocasionais, através do Google Meet, com os membros interessados em tomar ação nas pautas de cada momento. Após uma das reuniões, fui incluída, junto a outros sete colegas, no grupo de trabalho das feiras (GT Feiras), que se comunicava através de um grupo de WhatsApp, separado do grupo principal do GAE. Uma das ações desse GT é a postagem quase

que diária no Instagram do GAE de imagens que recordam os seguidores dos dias e horários de realização das feiras presenciais. Logo, entre março e abril de 2021, também realizamos panfletagens, entre as quais estive presente em duas.

Na primeira panfletagem de que participei, estavam presentes também Fred M., interlocutor antes mencionado, Fred W. e Caroline. Utilizo a primeira letra do sobrenome apenas destes dois interlocutores que chamo “Fred”, por terem o mesmo nome e serem chamados pelo mesmo apelido. Do mesmo modo que relatei em relação a Fred M., eu conhecia Fred W. há muito, pois nós três estudamos no mesmo colégio. Na segunda panfletagem, estávamos eu, Fred M. e Fred. W. Em ambas, o objetivo era divulgar a Feira Ecológica Viva Bem Quartier, dentro do bairro Três Vendas, zona norte de Pelotas.



Figura 10 - Feira Ecológica Viva Bem Quartier.

Fonte: autoria própria (2021).

Caminhamos em ruas das redondezas, entregando panfletos, elaborados e impressos pelo CAPA, a moradoras, comerciantes e outras pessoas que caminhavam nas ruas, ou os deixando nas caixas de correio das casas e estabelecimentos. Percorremos ruas das áreas conhecidas como Vila Silveira e Santa Terezinha, que

rodeiam o bairro Quartier. Nosso grupo buscou alcançar o máximo de casas possível, no tempo que tínhamos, entre duas e três horas a cada dia.



Figura 11 - Fred W. e Fred M. realizando panfletagem de divulgação da Feira Ecológica Viva Bem Quartier.

Fonte: autoria própria (2021).

Durante a panfletagem, tivemos breves conversas com algumas das pessoas que encontramos nas casas e ruas; de acordo com os protocolos sanitários, nos posicionamos sempre a alguns metros de distância dessas pessoas e utilizamos máscaras de proteção facial. Algumas das moradoras contaram que produzem alimentos - principalmente hortaliças e ervas para tempero ou chá - sem veneno em pequenas hortas nos pátios de suas casas. Em uma das casas, um senhor de meia-idade nos mostrou um pouco de sua horta, na frente de sua casa, explicando o que era

cada planta, com um tom de orgulho em relação à produção. Outros moradores relataram consumir produtos agroecológicos/orgânicos de vizinhos ou de conhecidos que têm algum tipo de horta, urbana ou rural.

Em geral, durante nosso percurso, várias pessoas demonstraram receptividade pelo assunto da feira agroecológica e interesse em consumir produtos alimentícios de lá. Ao final das atividades, os colegas do GAE afirmaram que esses diálogos junto às pessoas são característicos da agroecologia e que esse contato presencial, ainda que a uma certa distância, tinha *matado um pouco da saudade*, após meses quase sem poder conversar com outras pessoas em ambientes de socialização como as ruas e as feiras.

Em outras ocasiões, conversando sobre o tema da agroecologia, Fred M. e Fred W. me relataram sobre as motivações para terem se envolvido no movimento agroecológico, com fervor e afinco na cosmovisão que o caracteriza. Fred M., cujo pai trabalha, há anos, no CAPA, foi quem introduziu Fred W. ao debate agroecológico. Ambos acreditam que a agroecologia vem se fortalecendo e tem potencial para o combate da pandemia, pois, nas palavras de Fred M., vai no sentido contrário do agravamento da desigualdade e do desemprego, apostando no fortalecimento de pequenos produtores locais e no bem-estar coletivo:

Essa pandemia, é claro, vem desestruturando muita coisa, desde empresas públicas a empregos, fazendo um mar de autônomos, de desemprego e de fome. Mas acaba que as pessoas estão tentando cada vez mais, através das suas próprias forças, buscar alternativas de renda. Então essa questão do *local* acaba crescendo muito mais. E com isso vêm as feiras... nesse ano que passou de pandemia [até então] foram quatro feiras [agroecológicas] novas inauguradas [em Pelotas], eu nem sei se em outro lugar do Brasil já aconteceu isso em um tão curto espaço de tempo. Mas acho que [...] o consumo vem crescendo muito pelo anseio das pessoas de fazer o próprio alimento, pela questão desse *saber*, dessa informação que tem chegado cada vez mais, e também a preocupação com saúde, que é o que mais cresce agora na pandemia. Essa questão da imunidade, de estar bem alimentado... eu acredito que tudo isso acaba convergindo de alguma maneira. [...] A feira é um trabalho digníssimo, que tem que ser muito mais valorizado.

Voltando a falar do cenário geral das feiras, algumas que ocorriam presencialmente antes da pandemia tiveram que interromper as atividades nesses pontos e mudar de localização, ou senão passar a funcionar apenas no ambiente *online*. A Rede Bem da Terra costumava, há anos, ocorrer semanalmente em frente a algum dos campi universitários em Pelotas como o campus principal da Universidade Católica de Pelotas, e os campi ICH e Anglo da UFPEL. A Rede tem projetos vinculados às duas universidades e já foi tema de trabalhos acadêmicos em ambas⁸. Com a pandemia e a subsequente redução de circulação de pessoas nesses locais, a Bem da Terra acabou adentrando dois novos locais: o Parque Una, no qual realiza uma feira livre exclusiva da Rede, e a extensa e tradicional feira convencional do Parque Dom Antônio Zattera (antiga Feira da Avenida Bento Gonçalves), realizada nas manhãs de sábado, com uma banca que é a única representante dos agroecológicos/orgânicos naquela feira. Para além das feiras presenciais, a Feira Virtual Bem da Terra foi mantida ininterruptamente, operando através de uma plataforma *online*.

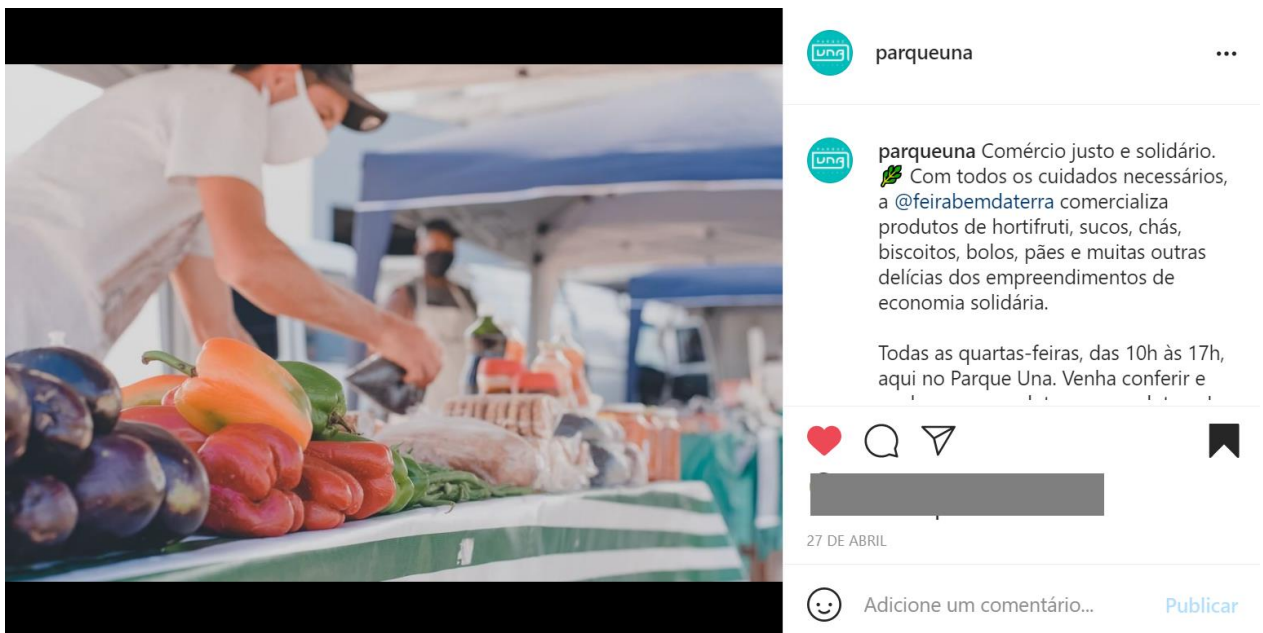


Figura 12 - Postagem sobre a feira da Rede Bem da Terra no Parque Una.

Fonte: página do Parque Una na rede social Instagram (2021). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COLHihStcbl/>.

⁸ Nomeadamente, Aldrighi (2020) e Nunes *et al.* (2019), entre outros.

A Feira São Domingos, antes da pandemia, costumava acontecer em dois pontos físicos: no estacionamento do Foro de Pelotas, no bairro Areal, e no campus Anglo da UFPEL, bairro Porto. Com a chegada do vírus, a feira migrou toda a comercialização para o *online*, oferecendo os produtos através do Facebook e recebendo encomendas para *delivery* pelos aplicativos Messenger e WhatsApp. A figura 13, a seguir, compara o discurso da feira antes e depois da pandemia. Cabe destaque ao lado direito da imagem, em que se lê na postagem de 6 de março de 2021: “bandeira preta, *lockdown*⁹, não quer correr riscos?” “procura qualidade e saúde em sua mesa?”, perguntas que trazem dois lados opostos da mesma categoria: uma possível exposição ao vírus quando se sai de casa, portanto *correr risco*, e da qualidade e da saúde nos alimentos agroecológicos/orgânicos, portanto *evitar o risco*.



Figura 13 - Colagem comparativa de duas postagens da Feira Agroecológica São Domingos, antes e durante a pandemia.

Fonte: página da Feira Agroecológica São Domingos na rede social Facebook (2021). Disponível em: <https://www.facebook.com/feirasaodomingos>.

⁹ Esta palavra, utilizada pela Prefeitura de Pelotas e por muitas outras instituições, designa uma restrição de circulação da população em determinados lugares, por certo período de tempo, imposta como uma medida de segurança.

4 Um “novo normal” e um “novo conceito de fazer a feira”: o que pensam as consumidoras?

Os posicionamentos de políticos, cientistas, profissionais, lideranças comunitárias e pró-transgênicos apenas tornar-se-ão relevantes neste estudo na medida em que contribuam para evidenciar o ambiente em que estariam imersas as "pessoas comuns", consumidores e agricultores gaúchos, sujeitos desta pesquisa. (MENASCHE, 2003, p. 18)

Buscando, ao longo do desenvolvimento da pesquisa, por percepções próprias das consumidoras, no caminho de construir esta etnografia, elaborei em 2020 um formulário intitulado “Consumo de produtos agroecológicos em Pelotas e suas transformações no quadro da pandemia de COVID-19”. Nele, havia questões relativas ao consumo de agroecológicos/orgânicos antes e durante a pandemia, locais de compra desses produtos e percepções acerca desses temas, além de um espaço, de preenchimento opcional, para a participante deixar seu contato, caso quisesse seguir contribuindo para a pesquisa. O principal intuito deste formulário foi a aproximação com consumidoras de produtos agroecológicos/orgânicos da região de Pelotas, a fim de conversar de modo mais aprofundado, através de contato posterior ao formulário, sobre suas motivações e suas percepções do consumo em meio à pandemia.

A divulgação se deu de modo bastante despretensioso, sem intenção de alcançar uma grande quantidade de participantes, através de um *link* que, no início de 2021, circulou em alguns grupos de WhatsApp, no Instagram e no Facebook. Ao final, um total de 84 pessoas responderam ao formulário. Compartilho abaixo, na tabela 2, as respostas às perguntas cujo formato era de múltipla escolha.

Tabela 2¹⁰ - Respostas a formulário sobre o consumo de alimentos agroecológicos/orgânicos em Pelotas durante a pandemia

1. Você consome produtos agroecológicos/orgânicos em Pelotas atualmente?

Sim	Não
-----	-----

¹⁰ Esta tabela inclui apenas as questões objetivas do formulário, ou seja, aquelas em que a participante escolhe uma alternativa entre as possibilidades de resposta presentes no formulário.

79,8%

20,2%

2. Você consumia produtos agroecológicos/orgânicos em Pelotas antes da pandemia de COVID-19?	
-----------------------------------------------------------------------------------------------------	--

Sim	Não
84,5%	15,5%

3. Seu consumo de produtos agroecológicos/orgânicos aumentou ou diminuiu no período da pandemia, em comparação a antes dela?			
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Se manteve igual	Aumentou na pandemia	Diminuiu na pandemia	Outros
47,6%	28,6%	15,5%	8,3%

4. Sobre comprar/encomendar produtos agroecológicos/orgânicos através da internet, você:			
-------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--

Nunca comprou esses produtos de forma <i>online</i>	Passou a comprá-los <i>online</i> na pandemia	Já comprava <i>online</i> e continuou na pandemia	Costumava comprar <i>online</i> e parou na pandemia
60%	24,1%	12%	3,6%

Fonte: autoria própria (2021).

Os dados apontam que pode haver, entre as participantes, uma certa estabilidade em relação aos hábitos alimentares, principalmente quando relacionamos aquele *boom* de iniciativas agroecológicas/orgânicas ao dado de que 60% dessas consumidoras não adquiriram o hábito de comprar através da internet, antes ou durante a pandemia.

Algumas das respostas escritas no formulário, justificando esta porcentagem, demonstram uma desconfiança dos consumidores em relação ao consumo *online*. Ali apareceram afirmações como “nunca fiz e nem imagino se são realmente ecológicos”; “adoraria comprar *online*, mas gosto de ver os produtos que estou comprando e já ouvi relatos de compras *online* que chegaram amassadas ou com uma aparência não muito boa”; “não gosto”; “não vejo pq não e ainda é prático mas às vezes não é tão acessível financeiramente e acho ruim não poder escolher pessoalmente”.

Já outros têm um olhar positivo em relação a este meio, por exemplo: “faz aproximar o meu consumo de alimentos dos responsáveis pela produção destes alimentos, agricultores familiares agroecológicos ou em transição”; “é importante para popularizar o consumo”; “como forma de ajudar pequenos produtores com dificuldade de acesso a feiras”; “uma alternativa para pessoas que não querem se expor a aglomeração ou que não tenham tempo para ir pessoalmente comprar”.

Os motivos para optar ou não pela compra *online* que aparecem nas respostas são diversos, e passam por questões relativas à praticidade, à rotina, à seleção dos alimentos, à relação pessoal com os produtores e com o ambiente da feira, ao distanciamento social e a perspectivas políticas, entre outros. De acordo com Silva e Menasche (2020), em introdução ao dossiê “Comida em tempos de pandemia”, publicado pela Revista de Alimentação e Cultura das Américas, observa-se como resultado da pandemia uma reconfiguração de diversas expressões relativas ao comer, que “conjugam as fronteiras materiais e simbólicas entre a casa e a rua, e entre a circulação de pessoas e de alimentos nos espaços domésticos e públicos” (p. 2), de modo que hábitos como consumir alimentos e cozinhá-los se alteram junto às novas rotinas.

No Brasil da pandemia, o termo “novo normal” surgiu para designar questões do imaginário coletivo em relação às alterações de práticas ou percepções decorrentes da pandemia que poderiam permanecer de forma mais duradoura, perdurando depois do final da mesma. Essa ideia apareceu com frequência em falas de produtores e consumidores nas feiras agroecológicas que visitei, expressa, por exemplo, na afirmação de que o *delivery* e o uso de álcool em gel provavelmente continuariam no cenário pós-pandêmico. Isto era expresso de forma positiva, através de uma percepção da pandemia como algo que fez abrir os olhos das sociedades para cuidados sanitários que são importantes, para além dela, na vida urbana contemporânea.

No início da pandemia, principalmente, circulavam também discursos a respeito da importância do momento para que se pudesse ter tempo para atividades como explorar novos hobbies e refletir sobre a vida e a importância das relações. Essa imagem de um “novo normal” idealizado, porém, se contrapõe ao cenário de acumulação das diferentes situações de vulnerabilidade social e agravamento da

desigualdade sobre o qual Segata (2020) escreve. Nesta perspectiva, é possível pensar que, embora no cerne da agroecologia se encontre justamente o objetivo da segurança e soberania alimentar, muitos grupos sociais se encontram, na pandemia, vivendo o oposto disso. A ausência de aparato estatal que incentive tais ideais, privilegiando *commodities* antes de comida, faz com que, para uma enorme parte da população brasileira, o consumo de alimentos de qualidade seja uma realidade distante.

Como se pôde notar através dos resultados do formulário, o público do mesmo faz parte de um recorte social, que começa a ser delimitado a partir de que o compartilhamento do *link* para preenchê-lo se dá principalmente entre grupos universitários, e em segundo momento é encaminhado e compartilhado através de redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp. Além da questão do baixo alcance de pessoas, o próprio formato da pesquisa exige que a participante tenha acesso à internet e um dispositivo que permita preenchê-la.

Por esses motivos, principalmente a amostragem não sendo representativa do total de consumidores de agroecológicos/orgânicos em Pelotas, há algumas contradições entre esses dados e outros dados coletados, em campo ou na bibliografia, nesta pesquisa. Como descrito no capítulo 2, o consumo de agroecológicos/orgânicos tem aumentado significativamente no Brasil e no mundo; e como demonstrado no capítulo 3, através das conversas e observações dentro da rede agroecológica/orgânica, e nas conversas com interlocutoras que descrevo a seguir neste quarto capítulo, há em Pelotas um aumento da procura por alimentos desse tipo, especialmente quando falamos das iniciativas que operam *online*. No formulário, por outro lado, a porcentagem de participantes que consumia produtos agroecológicos/orgânicos durante a pandemia (79,8%) é menor que a de participantes que consumiam antes da pandemia (84,5%).

Tais contradições talvez se expliquem por haver um interesse maior e um compartilhamento mais intenso do formulário entre pessoas que estão integradas há mais tempo na rede agroecológica; estas pessoas, frequentadoras mais antigas das feiras, talvez não tenham se interessado tanto em encomendar os produtos por meio *online* quanto novos consumidores, que não integram a rede de sociabilidade das mesmas. Outra explicação possível é que a crise socioeconômica gerada pela

pandemia no Brasil, que diminuiu o poder de compra dos brasileiros e, ainda, deixou muitos desempregados, pode ter impedido antigos consumidores de continuar a comprar produtos nesse período, visto que o formulário foi aplicado no início de 2021, um dos períodos de maior gravidade da pandemia no país.

As análises e hipóteses que aqui coloco são construídas a partir de observações em campo e estudos bibliográficos; apesar desses dados não servirem como base a uma generalização de conclusões, eles servem para pensar. Partimos, a seguir, para uma continuação da etapa do formulário, em que descrevo e analiso conversas mantidas junto a algumas das interlocutoras.

4.1 Conversas junto a consumidoras de alimentos agroecológicos/orgânicos em Pelotas

Em outra fase da pesquisa, após o encerramento do formulário mencionado no item anterior, as interlocutoras que deixaram seus meios de contato para seguir colaborando com a pesquisa foram contatadas, umas por e-mail e outras por WhatsApp. A proposta era realizar uma conversa via videochamada, não muito formal, para entender como estavam se dando suas práticas de consumo alimentar na pandemia e perguntar sobre algumas percepções relativas aos alimentos agroecológicos/orgânicos. Apenas algumas responderam a este convite, e por fim pude realizar quatro conversas, todas com interlocutoras do gênero feminino, sendo três delas de meia idade, ou mais especificamente, acima de 40 e abaixo de 60 anos de idade.

Entre essas conversas, é possível perceber motivações individuais e coletivas para o consumo de alimentos agroecológicos/orgânicos. Há um complexo entrelaçamento dessas dimensões na configuração do que vêm a ser os hábitos de consumo de cada indivíduo ou família. Isso faz com que as conversas sobre esse tema levem a discussões que se estendem largamente, tocando em vários assuntos que envolvem, por exemplo, gosto, conjuntura política, ideologia, tempo, papéis de gênero, memória afetiva, ética, estética, percepção de risco, classe social, conexão com o rural, dinâmica doméstica e muito mais. Cada um desses aspectos, de uma forma ou de

outra, tem influência no que e como se escolhe comer, inclusive contando com contradições entre uma motivação e outra, ou entre o que se fala e o que se faz.

Ainda que essa complexidade de fatores leve cada família ou indivíduo a ter uma relação única com o consumo alimentar, no âmbito da sociedade muitas dessas motivações se explicam através de grandes tendências sociais, como verificado no capítulo 2. Livia Barbosa (2009) é uma das maiores referências nesse assunto; a autora compila uma série de tendências da alimentação na contemporaneidade, ilustrando-as no texto de forma sistemática. A partir do artigo “Tendências da alimentação contemporânea” (BARBOSA, 2009), junto à retomada de outras referências que fundamentam esta monografia, busco unir o campo à bibliografia, analisando as partes mais importantes ou emblemáticas das conversas que tive junto às interlocutoras.

4.1.1 Mudanças bárbaras de alimentação na pandemia

Gisele é doutora em Psicologia e atua como servidora pública na Secretaria de Saúde de Pelotas. Ela conta que seus hábitos de alimentação mudaram “barbaramente” na pandemia. Antes disso, ela almoçava em restaurantes no centro, próximos ao seu local de trabalho. Atualmente está trabalhando de forma remota, em casa, e tem que cozinhar diariamente. Ela e seu marido residem em Pelotas desde 2007, mas antes disto comercializavam produtos na Feira ecológica do Bonfim, em Porto Alegre, da qual seu marido foi cofundador.

Sobre o consumo de produtos agroecológicos/orgânicos, ela afirma que vai às vezes às feiras; não gosta de acordar cedo, então não costuma ir às matinais. Às vezes, pede esses produtos em casa, através da Feira Virtual Bem da Terra. Gisele relatou que seu marido geralmente pensa que a apresentação dos produtos orgânicos não é boa. Ele acredita que poderiam ser embalados e apresentados de forma mais *adequadas* e *atraentes* para os consumidores. O casal gostaria que houvesse alimentos orgânicos disponíveis no supermercado, pois acreditam que assim seriam de mais fácil acesso. Essa vontade expressa na fala de Gisele, de um produto apresentado em padrões mais próximos ao que se encontraria em um supermercado - embalado, rotulado, com certificação laboratorial - é de uma preocupação estética em relação ao

alimento. Barbosa (2016) cita a aparência e design dos alimentos como características que mobilizam o sentido da visão, satisfazendo a demanda pela representação visual da *experiência* contida naquele alimento. Neste sentido, a presença do selo “Produto Orgânico Brasil”, por exemplo, acrescentaria, para um determinado público, atratividade e confiabilidade ao produto.

Sobre o papel da agroecologia na sociedade, a interlocutora afirma que “é saúde, e o alimento mais saudável pode ajudar o corpo a resistir a qualquer tipo de doença” - aqui percebemos o argumento do evitamento dos riscos, como mencionado por Douglas e Wildavsky (2012) e Menasche (2003). Diz também que é um tipo de compra política e que ajuda a economia local. Essa fala, quando vinculada à vontade de comprar alimentos orgânicos no supermercado, gera uma contradição à medida em que a agroecologia opera sob uma premissa de oposição aos grandes monopólios do mercado, como, por exemplo, redes supermercadistas. O movimento agroecológico também contradiz aquele padrão estético de embalagens industrializadas e selos estampados em cada alimento, comprovando a procedência de uma maneira formalizada; a disposição física das feiras agroecológicas - ao ar livre, em proximidade com os produtores, com os alimentos dispostos em caixas ou sobre lonas - não pretende se equiparar ao padrão industrial, muito ao contrário.

4.1.2 Confiança de longa data nos produtos agroecológicos

Cristina G. formou-se no curso de História em 1989, foi bancária e sindicalista por 26 anos e agora está aposentada. Nascida em Bagé, veio morar em Pelotas aos 17 anos. Ela conta que conheceu a agroecologia através de iniciativas do Partido dos Trabalhadores na década de 1980, que consistiam em reunir agricultores conhecidos, mas ainda não organizados institucionalmente. Na época, ela se envolveu com a política e as várias frentes de ação do partido, incluindo a agroecologia.

Mais recentemente, há aproximados quatro anos, ela e sua família tornaram-se consumidores da Rede Bem da Terra. Ela conta que a Feira Virtual Bem da Terra tem diversificado a oferta de produtos agroecológicos/orgânicos, inclusive contando com a importação de determinados itens. Cristina tem *confiança* na procedência dos produtos

que compra dessa feira, mas pensa que, em outros espaços, “muitos produtores se dizem orgânicos mas ficamos com um pé atrás, porque não são sempre certificados”.

O aspecto da confiança é de alta relevância entre consumidoras de alimentos agroecológicos/orgânicos, pois se relaciona com aquela tendência, apontada por Menasche (2015), da retomada da valorização de produtos de origem local e artesanal - cuja proximidade, cultural e geográfica remete à ideia de ser confiável. Isso é evidente quando falamos do consumo em feiras, pois o alimento é trazido pela agricultora, diretamente do campo, para as mãos da consumidora, geralmente sem atravessadores entre as duas. Essa ligação direta, junto ao hábito de comprar regularmente das mesmas produtoras e nos mesmos locais, é que garante o aspecto de confiabilidade, inclusive no caso da compra ser realizada *online*, quando as relações aqui mencionadas são intermediadas pela internet. A confiabilidade também pode ser estabelecida por outra via: a fala da interlocutora sobre preferir produtoras certificadas tem relação com a *cientificação do comer*, que Barbosa (2009) explica como a valorização da comprovação científica da eficiência de um produto, neste caso indicando a pureza biológica do mesmo através da ausência de agroquímicos nas análises laboratoriais.

Na pandemia, Cristina conta que sua alimentação tá “vindo mais da feira”, mas nem sempre compra alimentos agroecológicos/orgânicos, pois os preços destes podem “complicar”. Ela não compra frutas e legumes no supermercado - apenas “algumas coisas específicas, como produtos de limpeza”. Apesar disto, logisticamente ela afirma que a pandemia não dificultou em nada o consumo de orgânicos, porque a Rede Bem da Terra conseguiu organizar seu trabalho através de um esquema de escalonamento, possibilitando a continuidade das atividades. Como colaboradora da Rede, Cristina afirma que a feira virtual chegou, na pandemia, ao número de consumidores cadastrados que tinha no início de 2020, alcançando aproximadamente 120 pessoas.

Como motivos para consumir produtos alimentícios ecológicos, ela menciona a solidariedade com a população do campo e os benefícios para a saúde. Desses, o primeiro se relaciona com a dimensão política do comer, pois a origem do alimento ganha relevância no processo de politização do consumo. De acordo com Barbosa (2009, p. 40), nesta tendência, os mercados passam a ser avaliados "por critérios

éticos, políticos e morais" e, deste modo, "o produto e sua produção se tornam indissociáveis". Deste modo, a dimensão política e a desconfiança na confiabilidade e saudabilidade em relação aos alimentos oferecidos nos supermercados afastam Cristina da ideia de consumi-los.

4.1.3 Feira em distanciamento: do encontro com amigas à fuga das aglomerações

Cristina F. é professora do curso de Medicina Veterinária na UFPEL. Ela reside com sua família no meio urbano, mas cresceu na zona rural. Contou que, na infância, a família sempre teve "hortinha em casa", "para tentar comer sem tanto veneno". Quando ficou grávida, há 19 anos atrás, buscou onde comprar alimentos agroecológicos/orgânicos na cidade, para se manter o mais saudável possível. E ao encontrar a feira agroecológica da ARPA-SUL, descobriu ser localizada na mesma rua em que estava construindo sua nova casa. Reside lá até hoje, o que facilita seu acesso desde então aos alimentos agroecológicos, praticamente "na frente de casa". Por esse motivo é que diz não ter dificuldades em comprar produtos agroecológicos, nem antes, nem durante a pandemia.

Ela relata que intensificou o consumo de agroecológicos na pandemia, porque prefere sair de casa apenas uma vez na semana para fazer compras, evitando a exposição à transmissão do vírus em outros lugares. Além disso, a feira é "sem dúvida [um local] menos arriscado, feira é um local aberto". Neste período, tem lidado com montar o cardápio com os legumes da estação, justamente por estar restrita ao que a feira da ARPA-SUL oferece. Para ela, esta feira tem "uma diversidade legal de coisas, uma variedade muito boa".

Cristina justifica sua preferência por produtos alimentícios da feira agroecológica por considerar que são produtos de melhor qualidade. Ela pensa também que, como sociedade, "estamos voltando nosso olhar muito mais pro *caseiro*"; em oposição àquela comum "ansiedade do quero tudo agora". Ela disse que às vezes encontra "umas frutas diferentes, que tu não conhece... são do mato!", em referência à diversidade local de alimentos, que nem sempre são comercializados mas estão entre os saberes dos agricultores da região. Para Barbosa (2009, p. 42), "quanto menos industrializados e

quanto mais artesanais e locais forem os ingredientes mais valorizados são os produtos, que se tornam autênticos, originais e naturais perante os nossos olhos”; a tendência de valorização dos alimentos locais e artesanais, portanto, preenche desejos tanto éticos quanto estéticos de uma parcela das consumidoras contemporâneas, retomando uma conexão simbólica com a região, em oposição ao acelerado ritmo de globalização no consumo de diversos produtos presentes no nosso dia a dia.

Sobre as vantagens da produção e consumo agroecológico, Cristina completa:

A agroecologia, além do benefício da saúde do consumidor, que não tenho dúvidas, tem um impacto positivo pro meio ambiente, e também como atividade econômica, [para as] famílias de pequenas propriedades trabalhadores da agroecologia, pro coletivo amplo. Pelo lado mais técnico, na pandemia tu tá buscando uma alimentação mais saudável, vais estar mais resistente frente às doenças que a pandemia traz, melhora a tua imunidade.

Seu discurso, que trata de aspectos diferentes do que constitui o movimento agroecológico, demonstra que a interlocutora teve acesso a informação em relação a questões de saudabilidade, nutricionais, socioeconômicas e ambientais - que constituem um capital cultural condizente à sua posição na sociedade, enquanto professora universitária e membro da classe média, que não são questões tão evidentes no senso comum. Esse recorte é importante para evidenciar o quanto, apesar de haver um grande crescimento do setor agroecológico/orgânico, o acesso a esses produtos e a essas informações, em um país como o Brasil - no qual 43,4 milhões de pessoas não têm quantidade suficiente de alimentos e 19 milhões enfrentam a fome, de acordo com inquérito realizado em 2020 pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar (REDE PENSSAN, 2021) - ainda é exclusivo a classes da sociedade que têm capital cultural e econômico mais elevados.

Outro aspecto mencionado por Cristina é que as feiras, antes da pandemia, eram também eventos sociais, pontos de encontro. Naquela época, Cristina ficava mais tempo na feira, “conversando com as amigas”. Aqui encontramos novamente consonância ao trabalho de Ribeiro (2020), quando trata das feiras livres como locais de trocas materiais e imateriais, pois além da criação de laços afetivos nesse local, é lá que Cristina aprende, junto a produtoras e outras consumidoras, sobre variedades de plantas alimentícias, receitas, perspectivas políticas e assim por diante. Hoje ela vai

mais rápido, mais “focada”, e mapeou os horários pra ver qual tem menos movimento. Agora tem ido mais cedo, às 8h da manhã, mais ou menos. Ela afirma também que “tem um público deles [da feira] que se consolidou nas entregas, isso vai ficar por mais tempo”, em referência à adoção do sistema de *delivery*.

4.1.4 Iniciativa agroecológica *online* da família

Luiza é estudante de Cinema de Animação na UFPEL. É nascida em Pelotas e residente na mesma cidade. Ela conta que seu avô é técnico em Agronomia e tem casa na zona rural, em Caxias do Sul/RS. Na horta do avô, “sempre foi sem veneno”; sua produção inclui laranja, limão, tomate, amora e outras frutas, sendo que seu avô produz licores e molhos em baixa escala, principalmente para consumo da família. O avô, de acordo com Luiza, sempre disse que “os agrotóxicos deixavam o alimento com um gosto diferente”. Anos depois, ela passou a pesquisar mais sobre o assunto na internet e conheceu o movimento agroecológico.

Com a chegada da pandemia, a irmã e o cunhado de Luiza criaram uma iniciativa de comercialização de produtos orgânicos, se utilizando de um sistema de pedidos *online* e *delivery*. A iniciativa se chama “Feira em Casa”, e é de lá a maior parte dos alimentos que Luiza consome atualmente. Ela afirma confiar na procedência orgânica dos produtos, pois sua irmã e cunhado “conversam com o cara que planta, que vende”, enquanto “no supermercado a gente nunca sabe”. Até o início de 2021, a Feira em Casa vendia aproximadamente 170 pedidos por semana. Inicialmente, o casal se responsabilizava por todos os processos que envolvem a realização da feira *online*, mas com o crescimento das vendas, “já tem 3 ou 4 pessoas ajudando”, por exemplo, na lavagem dos alimentos.

Esses dados indicam uma popularização dos produtos agroecológicos/orgânicos através da internet, que possivelmente serviu para atrair novas consumidoras que não haviam, antes da pandemia e da adoção generalizada do *delivery*, pensado ou se mobilizado para ir a feiras físicas. Nesse sentido, as *feiras em casa* contribuem para um entendimento, por parte de mais pessoas, do que é um alimento agroecológico/orgânico

e das narrativas que trabalham a seu favor (que aparecem nas redes sociais e *sites* das iniciativas e feiras), e quem sabe, em partes, o desmistificando.

Sobre as mudanças no seu consumo alimentar, Luiza comenta que “com a pandemia, tu percebe que tem que mudar um pouco a dieta, e comer coisas mais saudáveis”, que alterou um pouco sua dieta por causa da feira criada pela irmã, passando a consumir mais frutas. Ela afirma que essa preferência é “importante, porque a dieta que as pessoas seguem tem muito carboidrato e farinha: massa, bolacha, pão. Comprando mais legumes e vegetais, tu diversifica a alimentação”. Ela prefere comer alimentos sem agrotóxicos; diz que quando se compra convencionais “tá só fingindo ser saudável”.

Ao pensar os alimentos através de seus componentes nutricionais, Luiza expressa a tendência de medicalização da alimentação (BARBOSA, 2009, p. 23-24), que pensa os alimentos a partir do aspecto biológico em relação às suas interações com o corpo humano; esse fenômeno tende a hierarquizar os alimentos entre mais ou menos saudáveis, baseando-se nas pesquisas científicas mais recentes. Assim, na fala da interlocutora, a busca pelo aumento do consumo de alimentos agroecológicos/orgânicos no cotidiano resultaria em: (1) a fuga dos riscos trazidos pelos alimentos convencionais - transgênicos e/ou que contêm agroquímicos - e a busca pelos alimentos em sua forma mais pura, como apontado em Douglas (1991) ao falar dos alimentos *sagrados* em oposição à impureza; e (2) o preenchimento de necessidades nutricionais, na perspectiva de que se deve preferir o consumo de verduras, legumes e alimentos menos processados, preterindo aqueles ultraprocessados ou que contêm ingredientes refinados e altas porcentagem de carboidratos.

5 Considerações finais

É fato que, na pandemia, a preocupação com questões sanitárias foi acentuada de modo geral nas sociedades ao redor do mundo e, junto a ela, preocupações relativas a corpo e saúde. No entanto, entender o que tem se passado no consumo de produtos agroecológicos e orgânicos no período não depende apenas desses fatores – associados à busca por saudabilidade e ao evitamento do risco - mas da combinação de diferentes tendências que incidem nas vidas das pessoas, contribuindo para as definições dos *ondes*, *comos* e *porquês* relativos aos hábitos de consumo alimentar.

O caminho desta pesquisa teve início nos primeiros meses da pandemia de COVID-19 e percorreu pouco mais de um ano e meio, até outubro de 2021, momento em que mais da metade da população brasileira está completamente imunizada contra o vírus SARS-CoV-2. Deste modo, foi possível acompanhar o começo, meio e, ao que tudo indica – e esperamos –, o início do fim da pandemia. No que se refere à rede agroecológica/orgânica pelotense, essa trajetória foi marcada, em uma breve retomada cronológica, por: *explosão* inicial do *delivery*, incerteza de continuidade das feiras físicas, necessidade de rápida adaptação a novos protocolos sanitários, intensificação das atividades de divulgação e comercialização na internet, retomada do fluxo nas feiras físicas, alteração de datas de determinadas feiras devida a *lockdowns*, movimentação em torno do Projeto de Lei relativo à produção de alimentos agroecológicos/orgânicos, abertura de novas feiras físicas e continuidade, como prática permanente, do *delivery* e da utilização de redes sociais.

Houve, de forma geral, no mundo, no Brasil e em Pelotas, um aumento na procura por alimentos agroecológicos/orgânicos durante a pandemia, e campo estudado evidenciou isso. Falando do caso pelotense, foco desta pesquisa, esse aumento está expresso tanto nas falas de feirantes, consumidoras e outras interlocutoras quanto no número significativo de iniciativas e feiras presenciais e *online* criadas durante o período pandêmico, entre 2020 e 2021. Dentre as principais motivações citadas por interlocutoras para a adesão ou continuidade do consumo de produtos agroecológicos/orgânicos, estão a saudabilidade, a valorização da agricultura familiar e dos alimentos regionais e o conhecimento e confiança na procedência dos

produtos; entre as frequentadoras das feiras livres agroecológicas, especificamente, outro fator importante é o próprio ambiente da feira, em que ocorrem encontros e conversas de cunho lúdico, pedagógico e político. Autoras como Azevedo (2017), Barbosa (2009; 2016), Castañeda de Araujo (2010), Menasche (2003; 2015) e Sassatelli (2015), entre outras, fornecem o alicerce teórico para a compreensão de que esses motivos integram tendências contemporâneas, no Brasil e no mundo, em relação ao consumo alimentar. Enquanto isso, as falas de interlocutoras e as narrativas presentes nas redes sociais de feiras demonstram a intensificação dessas tendências, relacionada às ansiedades e fobias trazidas pela pandemia.

Um dos objetivos deste trabalho consistiu em verificar a relação entre a pandemia e o crescimento do consumo de alimentos agroecológicos/orgânicos, o que foi evidenciado em campo. Ao mesmo tempo em que se comprovou o aumento do consumo desses produtos, ao longo da pesquisa foi possível registrar percepções de interlocutoras afirmando que os alimentos orgânicos *mantêm o corpo saudável, fortalecem a imunidade e afastam as doenças*. Desse modo, pode-se sugerir que tendências alimentares relativas à saudabilidade e à medicalização da alimentação, que já vinham trazendo adesões a segmentos de consumo alternativo mesmo antes da pandemia, ganharam ainda mais evidência em meio a ela.

Da reconfiguração do cenário de agroecológicos/orgânicos, outro ponto que salta aos olhos (e ouvidos), além da potência assumida pela internet e entrega a domicílio, é a valorização de alimentos de origem local e fornecidos diretamente pelas famílias rurais produtoras, sem intermediação. A atribuição da saudabilidade apenas se realiza se existe confiança na procedência do alimento. A esse respeito, foi possível observar em campo, nas narrativas escritas, faladas ou imagéticas produzidas por produtoras/feirantes, tanto nos meios de comercialização físicos quanto nos *online*,— elementos que demonstram busca por transparência no processo de produção. Além do contato e conversa face-a-face, esses elementos podem se constituir a partir de compartilhamentos via redes sociais de fotos cotidianas do trabalho na lavoura, da colheita dos alimentos ou do transporte dos mesmos até a feira ou, ainda, de postagens de texto sobre os alimentos e sua produção. Temos ilustrações disso nas figuras 2 e 5 deste trabalho. Pelo lado das consumidoras urbanas, a confiança pode ser estabelecida

através das trocas *online* ou *offline*, do hábito de consumir regularmente no mesmo local e comprar das mesmas pessoas, face a face ou na interação via redes sociais. A garantia fornecida pela presença de um selo atestando que aquele produto é orgânico fica em segunda plano para estas, se fazendo necessário em espaços impessoais de comercialização, como os supermercados.

Vale adicionar, por fim, que o *novo normal*, como propagado pelo senso comum, não dá origem a mudanças estruturantes na sociedade. Pelo contrário, dados quantitativos e qualitativos - alguns citados nesta pesquisa, como o aumento da fome no Brasil - evidenciam que, na pandemia, a desigualdade social segue sendo agravada. Nas falas das interlocutoras, mesmo sendo, em sua maioria, pertencentes à classe média, um dos impedimentos apontados para a maior proliferação do consumo dos agroecológicos/orgânicos são os preços. Para camadas da população de menor poder aquisitivo, então, objetivos como os presentes no *Guia alimentar para a população brasileira* (mencionado no item 2.3), guiados pela proposta da segurança e soberania alimentar, infelizmente são distantes da realidade.

Se, então, entre produtoras, estudantes, pesquisadoras, militantes e consumidoras no meio agroecológico, a produção e consumo se relaciona não apenas a interesses individuais, como a saúde do próprio corpo, mas em boa medida a um horizonte de justiça social e sustentabilidade ambiental, há ainda um longo caminho a se percorrer em um país como o Brasil. Na atual conjuntura do país, o ambiente é hostil, nos âmbitos ideológico e político, para a agroecologia e as mudanças estruturais necessárias à sociedade; porém, é no *trabalho de formiguinha*, na paciência e paixão das conversas, seja na rua, nas feiras, no campo, nas escolas, nas universidades ou em congressos, que ela se expande. Partindo do alimento, no diálogo se descobre que o universo agroecológico, mais amplo que um conjunto de técnicas, é uma cosmovisão divergente da hegemônica, que evidencia a necessidade da construção de uma sociedade pautada em valores associados ao bem-estar do planeta e da humanidade como um todo.

Referências

- ALDRIGHI, William Borges. **Feira Virtual Bem da Terra e mercados de proximidade: uma análise a partir da perspectiva orientada pelo ator**. 2020. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Administração e Turismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.
- ALMEIDA, Jalcione. A agroecologia entre o movimento social e a domesticação pelo mercado. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 499-520, 2003.
- ALMEIDA, Jalcione. Apresentação à quinta edição: por um novo sentido à prática da agricultura. In: ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008. p. 7-15.
- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009. 117 p. (Série Estudos Rurais).
- ASSIS, Renato Linhares de; ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências. In: ASSIS, Renato Linhares de; ROMEIRO, Ademar Ribeiro (Org.). **Desenvolvimento e meio ambiente**. 6. ed. Curitiba: Atlas, 2002. p. 67-80.
- AZEVEDO, Elaine de. Alimentação, sociedade e cultura: temas contemporâneos. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 19, n. 44, p. 276-307, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-019004412>. Acesso em: 30 set. 2021.
- BARBOSA, Livia. Tendências da alimentação contemporânea. In: PINTO, Michele de Lavra; PACHECO, Janie K. (Org.). **Juventude, Consumo & Educação 2**. Porto Alegre: ESPM, 2009.
- BARBOSA, Livia. A ética e a estética na alimentação contemporânea. In: CRUZ, Fabiana Thomé da; MATTE, Alessandra; SCHNEIDER, Sergio. **Produção, consumo e abastecimento de alimentos: desafios e novas estratégias**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.
- BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. *Online*. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/biblioteca/visualizar/MTMxOA>.

CAPA (Brasil). **História**. Disponível em: <https://capa.org.br/historia/>. Acesso em: 31 maio 2021.

CASTAÑEDA DE ARAUJO, Marcelo. **Ambientalização e politização do consumo e da vida cotidiana**: uma etnografia das práticas de compra de alimentos orgânicos em Nova Friburgo/RJ. 2010. Dissertação (Mestrado) – CPDA/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

CEE-FIOCRUZ. **Desigualdade bate recorde no Brasil, mostra estudo da FGV**. 2020. Disponível em: <https://cee.fiocruz.br/?q=Desigualdade-bate-recorde-no-Brasil>. Acesso em: 18 dez. 2020.

CRUZ, Patrícia Postali. **Mapeando a rede ecológica na região de Pelotas**: organização, alimento e corpo. 2014. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Antropologia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/antropologia/files/2019/09/TCC_Patr%C3%ADcia_Cruz_Vers%C3%A3oparaCD.pdf. Acesso em: 29 maio 2021.

DATAFOLHA. **Disposição para se vacinar contra Covid-19 cai de 89% para 73%**. Instituto de Pesquisa Datafolha, Opinião Pública. São Paulo, dez. de 2020. Disponível em: <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2020/12/1989184-disposicao-para-se-vacinar-contracovid-19-cai-de-89-para-73-entre-brasileiros.shtml>. Acesso em 18 dez. 2020.

DINIZ, Débora. **Carta de uma orientadora**: o primeiro projeto de pesquisa. Brasília: Letraslivres, 2012.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, 1991. 213 p.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens**: para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

DOUGLAS, Mary; WILDAVSKY, Aaron. **Risco e cultura**: um ensaio sobre a seleção de riscos tecnológicos e ambientais. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 205 p.

ESCOBAR, Arturo. Bem-vindos à Cyberia: notas para uma Antropologia da Cibercultura. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Org.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA, p. 21-66, 2016.

FISCHLER, Claude. Présentation. **Communications**, Paris, 31, p.1-3, 1979.

FONSECA, Cláudia. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia 'em casa'. **Teoria e Cultura: Revista do Mestrado em Ciências Sociais da UFJF**, Juiz de Fora, v. 2, n. 12, p. 1-16, maio 2008.

G1. **Produção brasileira de alimentos orgânicos está abaixo da média internacional, aponta estudo da Embrapa**. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2021/09/27/producao-brasileira-de-alimentos-organicos-esta-abaixo-da-media-internacional-aponta-estudo-da-embrapa.ghtml>. Acesso em: 1 out. 2021.

GONÇALVES BROLESE, Lisiane et al. O Grupo de Agroecologia (GAE-UFPeI) interagindo com a sociedade urbana. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [s.l.], v. 2, n. 2, sep. 2007. ISSN 1980-9735. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/7256>>. Acesso em: 28 maio 2021.

IPEA. **Produção e consumo de produtos orgânicos no mundo e no Brasil**. 2019. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2538.pdf. Acesso em: 18 maio 2021.

JOHNSON, Daniel. Organização Mundial da Saúde declara novo coronavírus uma pandemia. 2020. **ONU News**. 2020. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2020/03/1706881>. Acesso em: 4 set. 2021.

JORNAL O LOURENCIANO. **Famílias agricultoras tem novo ponto fixo de comercialização em Pelotas**. São Lourenço do Sul, 10 nov. 2020. Disponível em: <http://www.jornalolourenciano.com.br/materias/item/12122-familias-agricultoras-tem-novo-ponto-fixo-de-comercializacao-em-pelotas>. Acesso em: 30 maio 2021.

MACHADO, Paula Bernardes; SANTOS, Anabele Pires; CHAGAS, Carolina Martins dos Santos. **Feira virtual delivery**: manual de orientações em tempos de Covid-19. Lavras: Coletivo de Segurança Alimentar e Nutricional Sustentável de Lavras, 2020. 16 p.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1984.

MENASCHE, Renata. **Os grãos da discórdia e o risco à mesa**: um estudo antropológico das representações sociais sobre cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MENASCHE, Renata. Campo e cidade, comida e imaginário: percepções do rural à mesa. **Ruris**, Campinas, v. 3, n. 2, p. 195-218, 2010.

MENASCHE, Renata. Introdução. In: MENASCHE, R. (Org.). **Saberes e sabores da colônia**: alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2015. p. 7-14.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 41-65, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104-718320040002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 maio 2021.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, 2001.

NUNES, Tiago de Garcia *et al.* Rede Bem da Terra: Produção Solidária, Consumo Responsável e Autogestão a partir da perspectiva extensionista do NESIC/UCPel. **Otra Economía**, Buenos Aires, v. 12, n. 21, p. 219-230, jun. 2019.

ORGANIS. **Organis apresenta crescimento do mercado brasileiro de orgânicos na Biofach eSpecial 2021**. Curitiba, 2021. Disponível em: <<https://organis.org.br/organis-apresenta-crescimento-do-mercado-brasileiro-de-organicos-na-biofach-especial-2021/>>. Acesso em: 19 abr. 2020.

UNIÃO DE HORTAS COMUNITÁRIAS DE SÃO PAULO. **COVID-19: Dicas de segurança para agricultores nas entregas de alimentos**. São Paulo, 26 mar. 2020. Facebook: UniaodeHortasSP. Disponível em: <https://www.facebook.com/UniaodeHortasSP/posts/1046976199002189>. Acesso em: 24 maio 2021.

PINHEIRO, Patrícia dos Santos; MENASCHE, Renata; MAGNI, Claudia Turra; MACHADO, Carmen Janaina. Tramas agroecológicas na colônia de Pelotas. **Anuário Antropológico**, Brasília, n. 431, p. 93-122, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/aa.2852>. Acesso em: 14 maio 2021.

REDE PENSSAN. **Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil**. Brasil, 2021. 66 p. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf. Acesso em: 09 nov. 2021.

RIBEIRO, Renata Tomaz do Amaral. **Novidade na feira**: um estudo etnográfico envolvendo plantas alimentícias não convencionais. 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

SASSATELLI, Roberta. Contestação e consumo alternativo: a moralidade política da comida. **Tessituras**, Pelotas, v. 3, n. 2, p. 10-34, 2015.

SEGATA, Jean. Covid-19, biossegurança e antropologia. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 26, n. 57, p. 275-313, 2020. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832020000200275&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 6 dez. 2020.

SILVA, Adilson Tadeu Basquerote; NASCIMENTO, Rosemy da Silva; ASSIS, Gláucia de Oliveira. **Agricultura familiar e agroecologia**: o desenvolvimento territorial e a espacialização inteligente. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 1, 2018, Taquara. Anais. Taquara: FACCAT, 2016.

SILVA, Denise Oliveira e; MENASCHE, Renata. Dossiê “Comida em tempos de pandemia”. **Revista de Alimentação e Cultura das Américas**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 2-4, 2020. Disponível em: <https://raca.fiocruz.br/index.php/raca/article/view/100/37>. Acesso em: 24 maio 2021.

VALENTE, Jonas. **Covid-19**: Brasil tem 173,8 mil mortes e 6,38 milhões de casos. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-12/covid-19-brasil-tem-1738-mil-mortes-e-638-milhoes-de-casos>. Acesso em: 4 set. 2021.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

WEZEL, Alexander; SOLDAT, Virginie. A quantitative and qualitative historical analysis of the scientific discipline of agroecology. **International Journal of Agricultural Sustainability**, [s.l.], v. 7, n. 1, p. 3-18, fev. 2009. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.3763/ijas.2009.0400>.

WHITACKER, Guilherme Magon. Agricultura orgânica: estratégia capitalista para a (re)produção do espaço rural. **Geoatos**: Revista Geografia em Atos, Presidente Prudente, v. 1, n. 12, p. 75-94, jun. 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/viewFile/1613/gwith>. Acesso em: 18 maio 2021.

WIENKE-TAVARES, Marisa Sandra. **A cultura da erva-mate na Serra dos Tapes, RS**: desenvolvimento rural sustentável e conservação da agrobiodiversidade. 2020. 304 f. Tese (Doutorado) - Curso de Agronomia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/6692>. Acesso em: 30 set. 2020.